

SEGURADORAS E MERCADO

2º QUADRIMESTRE 2025

MAIO / JUNHO / JULHO / AGOSTO



FENESPIC

www.fenespic.com.br

Apresentação

Companheiras e Companheiros, Dirigentes Securitários,

Estamos às vésperas da negociação salarial 2025/2026, um momento decisivo para os trabalhadores e trabalhadoras do setor. Essa etapa exige unidade e trabalho conjunto dos Sindicatos de todo o País, articulados por meio da nossa Federação, a Fenesplic. Só assim poderemos enfrentar com força e organização os desafios que estão colocados para a categoria.

Ao longo dos anos, os sindicatos e a Federação têm cumprido um papel essencial: acompanhar as mudanças do mercado, garantir informação qualificada e transformar esses dados em instrumentos de luta. Esta publicação é parte desse esforço. Desde 2015, ela oferece um retrato claro do setor, servindo como ferramenta estratégica para fortalecer nossa atuação em todas as campanhas salariais.

Os números apresentados aqui demonstram, mais uma vez, o alto lucro das empresas de seguros. O crescimento das receitas, os novos investimentos e as aquisições confirmam a robustez do setor. Essa realidade desmonta qualquer discurso de crise que as empresas possam levantar para dificultar nossas conquistas. A prosperidade do setor precisa se refletir em salários justos e melhores condições de trabalho para a categoria.

Vivemos, no entanto, uma conjuntura marcada por ameaças aos direitos trabalhistas. A pressão para reduzir conquistas históricas é permanente, e só a mobilização da categoria pode impedir retrocessos. Por isso, é fundamental que cada trabalhador e trabalhadora esteja informado e engajado, fortalecendo a ação coletiva e dando respaldo à luta sindical.

Seguiremos atentos e firmes, contrapondo as alegações patronais com dados concretos e defendendo, em cada mesa de negociação, o respeito aos direitos e à dignidade dos securitários e securitárias. Nossa força está na unidade e na organização.

A luta continua, firme e unida!

IRB apura lucro líquido de R\$ 118,6 milhões no primeiro trimestre/2025

O IRB(Re) registrou lucro líquido de R\$ 118,6 milhões no primeiro trimestre de 2025, alta de 49,9% em relação aos R\$ 79,1 milhões do 1T24, segundo dados da Visão Negócio. É o nono trimestre consecutivo de resultado positivo. O desempenho foi impulsionado pelo crescimento de 57,9% no resultado financeiro e patrimonial, que alcançou R\$ 210,2 milhões, e por resultado de subscrição de R\$ 103,2 milhões.

No acumulado de 12 meses, o lucro líquido soma R\$ 412 milhões. Segundo o CEO Marcos Falcão, o resultado reflete a consistência da estratégia adotada, com foco na rentabilidade e na redução do índice combinado.

O lucro líquido da carteira Não-Vida somou R\$ 135 milhões no trimestre, alta de 68,7% ante o 1T24. Já a carteira de Vida teve prejuízo de R\$ 16 milhões, frente a perdas de R\$ 1 milhão um ano antes. A subscrição da carteira Não-Vida foi positiva em R\$ 126 milhões. Em Vida, o resultado foi negativo em R\$ 23 milhões, impactado por um grande sinistro em uma fábrica de lubrificantes.

Os prêmios retidos no trimestre totalizaram R\$ 974 milhões, dos quais 94,6% (R\$ 921 milhões) vieram da carteira Não-Vida. No acumulado de 12 meses, os prêmios retidos Não-Vida cresceram de R\$ 3 bilhões para R\$ 3,3 bilhões. O Brasil respondeu por 61,5% do total, América Latina por 9,5% e os demais países por 29%. Houve aumento de 31% na participação latino-americana.

O índice combinado total ficou em 102,5%, frente a 97,8% no 1T24. No segmento Não-Vida, foi de 98% (96% no 1T24), enquanto em Vida subiu de 105% para 161%. A sinistralidade total aumentou para 66,5%, com queda de 3 p.p. na carteira Não-Vida (61%). No segmento Vida, a sinistralidade saltou de 27% para 140%, com sinistro retido passando de R\$ 38 milhões para R\$ 76 milhões.

O índice de comissionamento total caiu de 27,8% para 20,7%, refletindo a nova estratégia de negócios. No segmento Vida, a redução foi de 68% para 3%.

O resultado financeiro foi impulsionado por ganhos com variação cambial de R\$ 45 milhões. Os investimentos somaram R\$ 174 milhões, sendo R\$ 145 milhões no Brasil e R\$ 29 milhões no exterior. A companhia encerrou o trimestre com R\$ 8,9 bilhões sob gestão.

A suficiência do patrimônio líquido ajustado em relação ao capital mínimo requerido atingiu 207% no 1T25, 38 p.p. acima do 1T24, segundo Eduarda de La Rocque, diretora de Riscos do IRB(Re). O índice de cobertura de provisões técnicas apresentou suficiência de R\$ 728 milhões.

Na metodologia IFRS 17, adotada pela CVM, o lucro líquido do IRB(Re) foi de R\$ 134 milhões no 1T25, frente a R\$ 237 milhões um ano antes. O resultado da prestação de serviços de resseguro somou R\$ 235 milhões, com destaque positivo para os grupos Patrimonial e Rural. No grupo Vida, houve queda, refletindo a decisão de não expandir a carteira.

A margem contratual de resseguro (CSM) recuou de R\$ 352 milhões para R\$ 304 milhões, com crescimento de 21,7% na CSM dos novos negócios. O CFO Frederico Knapp destacou que esse movimento evidencia a consistência da estratégia de subscrição.

Contratação de seguros de pessoas soma mais de R\$ 30 bilhões até maio de 2025

Relatório elaborado pela Federação Nacional de Previdência Privada e Vida — Fenaprevi, com base nas informações da Superintendência de Seguros Privados – SUSEP, aponta que entre janeiro e maio de 2025 as seguradoras arrecadaram R\$ 31,5 bilhões em prêmios de seguros de pessoas, uma expansão de 8,6% na comparação com o mesmo intervalo de 2024.

O documento traz a análise por produto: de acordo com os resultados, 47% do total de prêmios foi em seguros de Vida (modalidades individual e coletiva), 28% no Prestamista e 12% em Acidentes Pessoais. Na comparação com os números obtidos no mesmo período do ano anterior, as maiores altas ocorreram em prêmios de seguro Doenças Graves (17,8%) e no Vida Individual (11,6%).

Cerca de R\$ 7 bilhões em sinistros

O relatório destaca ainda que no período foram pagos R\$ 6,9 bilhões em benefícios (sinistros) aos segurados, representando um crescimento de 8% se comparado ao resultado dos cinco primeiros meses de 2024.

Ao analisar por produto, 52% do total corresponde às indenizações pagas do Vida (modalidades individual e coletiva), 23% do Prestamista e 11% de Acidentes Pessoais. Quando avaliado o desempenho, o seguro Educacional registrou alta de 64,3% na mesma base de comparação, seguido pelo seguro Funeral (42,8%).

Fonte: Sonho Seguro - 7/agosto/2025

Porto registra lucro líquido de R\$ 832,3 milhões, alta de 28% no primeiro trimestre de 2025

A Porto iniciou o ano com resultados históricos impulsionados pela consolidação de sua estratégia de diversificação e pelo desempenho robusto de todas as quatro verticais do ecossistema Porto. A receita no primeiro trimestre somou R\$ 9,9 bilhões, alta de 14,6% sobre o mesmo período de 2024. O lucro líquido foi de R\$ 832,3 milhões, avanço de 28%, com retorno sobre patrimônio (ROAE) de 23,9%.

Pela primeira vez, a vertical de seguros representou menos da metade do lucro (42%), sinalizando um novo momento da empresa, que vê crescer rapidamente o peso das áreas de banco (26%), saúde (24%) e serviços (7%) no resultado consolidado.

“É simbólico ver o seguro representar menos da metade do nosso resultado. Isso mostra que a Porto conseguiu equilibrar suas linhas de negócios e está preparada para capturar crescimento sustentável em diferentes frentes”, afirma Paulo Kakinoff, CEO do Grupo Porto. Segundo ele, a companhia segue expandindo com responsabilidade, de forma orgânica, e reforçando sua presença em regiões com viabilidade operacional. “Estamos investindo na ampliação da rede de guinchos, no fortalecimento da marca e em uma atuação mais próxima em diversos estados.”

Todas as unidades de negócio superaram 22% de rentabilidade sobre o patrimônio. A vertical de seguros cresceu 6% em receita, totalizando R\$ 5,4 bilhões, com destaques para os ramos de Vida (+16%) e Patrimonial (+10%). No Auto, os prêmios subiram 4% e a frota segurada aumentou 2%, com a adição de 146 mil veículos. A sinistralidade, entretanto, subiu 2,5 pontos percentuais, afetada por uma frequência levemente maior de eventos e pela base comparativa favorável de 2024. “O primeiro trimestre tem, historicamente, uma sinistralidade maior. Em março já observamos normalização e não vemos motivo de preocupação para os próximos períodos”, afirmou Celso Damadi, vice-presidente Financeiro da Porto.

A Porto Saúde apresentou o maior crescimento proporcional do grupo: a receita aumentou 35%, alcançando R\$ 2 bilhões, e o lucro líquido subiu 71%, totalizando R\$ 180 milhões. O número de beneficiários chegou a 702 mil no seguro saúde (+25%) e superou 1 milhão no plano odontológico (+27%). “A tecnologia tem nos permitido modelar ofertas mais aderentes ao perfil dos segurados e trabalhar com corretores para promover autocuidado e gestão de risco. O cuidado preventivo é eixo central da nossa estratégia em saúde”, destaca Domingos Falavina, diretor de Relações com Investidores, M&A e Planejamento Estratégico da Porto.

No Porto Bank, a receita atingiu R\$ 1,7 bilhão (+29%), com destaque para Consórcios (+36%) e Empréstimos e Financiamentos (+29%). O lucro da vertical foi de R\$ 192 milhões, alta de 29%. A inadimplência acima de 90 dias caiu para 6,0%, refletindo melhora na qualidade da carteira. A vertical de serviços teve receita de R\$ 671 milhões (+9%) e lucro de R\$ 54 milhões (+19%), com forte alta nas vendas diretas ao consumidor final (+129%).

O resultado financeiro total do grupo foi de R\$ 383 milhões (+68%), e a carteira de aplicações da tesouraria alcançou R\$ 432,7 milhões, ou 99,4% do CDI, beneficiada pela valorização do IPCA e recuperação do Ibovespa. O índice de eficiência operacional foi de 10,9%, com melhora de 0,5 ponto percentual.

Allianz Seguros cresce 141% e registra maior lucro da história no Brasil

O crescimento nos segmentos de seguro para automóveis e seguro rural tem garantido a expansão da Allianz Seguros no mercado brasileiro. Em 2024, a companhia registrou o maior resultado de sua história no país, com um aumento de 141% no lucro líquido, alcançando R\$ 290,5 milhões, ante R\$ 120,6 milhões. As informações são do site Valor Econômico.

O presidente da Allianz Seguros, Eduard Folch, destacou. “Nosso objetivo é crescer mais que o mercado e estamos conseguindo. O plano é duplicar a companhia em 2027, considerando nosso tamanho em 2023, e os números mostram que estamos caminhando para isso”.

As emissões de prêmios aumentaram 10,3% no último ano, para R\$ 9,7 bilhões. Nos dois primeiros meses de 2025, a Allianz manteve o ritmo, com os prêmios crescendo 29%, para R\$ 1,79 bilhão. No mesmo período, o mercado avançou quase 9%, sem considerar o setor de saúde suplementar.

No início de 2025, parte do crescimento foi influenciado pela alta nas vendas de Seguro Rural. No primeiro bimestre, a Allianz alcançou a segunda colocação no ranking do segmento, segundo o diretor financeiro, Andreas Kerl. As emissões chegaram a R\$ 173 milhões no período – um avanço de 81% em relação ao mesmo intervalo de 2024. No acumulado de 2024 o seguro rural somou R\$ 362 milhões em prêmios, alta de 21% na comparação anual. “Temos visto um avanço consistente na conscientização de produtores em relação à importância da proteção de suas lavouras, equipamentos e propriedades. Esse movimento é impulsionado, em grande parte, pelo aumento da frequência e intensidade dos eventos climáticos, que afetam não apenas o Brasil, mas o mundo todo”, diz Kerl.

Na última divulgação dos resultados da controladora alemã, a operação brasileira foi destaque. Em apresentação a analistas sobre os resultados financeiros de 2024, a administração da Allianz citou a lucratividade na América Latina, que “melhorou significativamente” no segmento “property and casualty” (que inclui produtos como residencial e empresarial), influenciada pelo avanço no Brasil.

Eduard Folch, presidente da Allianz Seguros, ressaltou que o desempenho no país tem melhorado graças ao aumento do número de clientes e à estratégia de diversificação iniciada há alguns anos. A companhia, segundo ele, também fez mudanças em processos para tornar mais ágil o atendimento em caso de sinistro e adaptou produtos já existentes no portfólio às necessidades apontadas pelos segurados. As melhorias foram conduzidas por grupos de trabalho que mapearam oportunidades de evolução, diz.

Ainda segundo o Valor Econômico, cerca de 73% de todos os prêmios emitidos pela Allianz em 2024 no Brasil vieram do segmento de automóveis. A companhia é hoje a quarta maior seguradora de automóveis do país. Em 2020, comprou a carteira de auto e seguros elementares da SulAmérica, ampliando a base de clientes. Em auto, os prêmios emitidos somaram R\$ 7 bilhões em 2024, 7% acima do registrado um ano antes.

A Allianz Seguros cresceu 22% em seguros de automóveis, mais do que o triplo do mercado, que avançou 7,1%. O faturamento da companhia com o produto chegou a R\$ 1,1 bilhão.

Grupo Bradesco Seguros lucra R\$ 2,4 bilhões, o que representa 41% do resultado do banco

O Grupo Bradesco Seguros registrou lucro líquido de R\$ 2,4 bilhões no primeiro trimestre de 2025, o que representa crescimento de 25,3% em relação ao mesmo período do ano anterior, com evolução do ROAE de 2,6 p.p., para 22,4%. O banco Bradesco registrou lucro líquido recorrente de R\$ 5,86 bilhões no período, alta anual de 39,3%. Ou seja, o braço de seguros representou 41% do ganho do banco. Já o faturamento (receitas de prêmios, contribuições de previdência e de títulos de capitalização) somou R\$ 30 bilhões, alta de 7,3% frente ao primeiro trimestre de 2024.

“Nossos resultados no primeiro trimestre de 2025 foram impulsionados pelo consistente trabalho das nossas áreas comerciais e pela eficiência operacional, fortalecida pelas ações de controle de custos. Para o ano de 2025, mantemos uma perspectiva positiva, com foco na ampliação da parceria com os corretores de todo o país e criação de novos serviços e produtos, endereçando as necessidades dos nossos clientes”, disse Ivan Gontijo, presidente do grupo, ao Sonho Seguro.

A performance das receitas e a redução do índice de sinistralidade em 7,5 p.p. contribuíram para o avanço de 32,7% do resultado das operações de seguros, que alcançou R\$ 5,3 bilhões, dos quais 63% correspondem ao resultado industrial.

As Provisões Técnicas cresceram 11,2%, superando R\$ 414 bilhões, e os Ativos Financeiros, 10,3%, para cerca de R\$ 433 bilhões. O Grupo Segurador retornou à sociedade na forma de indenizações e benefícios R\$ 13,8 bilhões, evolução de 5,5% na comparação com o mesmo período de 2024.

No trimestre, a companhia manteve o foco na eficiência, melhoria de processos e gestão de despesas em todas as linhas de negócios. As entregas de novos serviços e jornadas contribuíram para incrementar o faturamento dos produtos comercializados nos canais digitais. Com o apoio dos corretores de seguros, foram gerados mais de 2,2 milhões de leads, impulsionando o aumento do faturamento.

No segmento de seguro de pessoas, a Bradesco Vida e Previdência lançou o Seguro Despesas Essenciais, que garante o pagamento de gastos básicos como contas de água, telefone, luz e internet nos casos de perda de renda, invalidez total ou morte, entre outros benefícios. Outra novidade foi o lançamento do seguro Empresarial Flexível Resgatável, complementando a grade de produtos para pequenas e médias empresas (PME). Além disso, a empresa ampliou as coberturas e assistências do seu Seguro Viagem.

Já a Bradesco Saúde ampliou sua base de corretores parceiros nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, com a realização de mais uma edição do programa “Meu Primeiro SPG”, que visa ampliar a comercialização de planos para PME.

Em Seguro Auto, a Bradesco Auto/RE iniciou mais uma edição do Bradesco Seguros Reconhece, programa pioneiro no mercado de seguros que certifica oficinas automotivas de sua rede referenciada pelos serviços e atendimentos prestados ao longo do ano. Outro destaque foi o lançamento de uma cobertura para reparar pequenos danos causados por buracos nas vias ou colisões em meios-fios e calçadas, proporcionando mais tranquilidade para os motoristas.

Dados e análises reforçam a importância estratégica do setor segurador na economia brasileira

Seguro Rural: essencial diante de eventos climáticos extremos

O Seguro Rural manteve sua trajetória de crescimento, arrecadando R\$ 2,4 bilhões no primeiro bimestre de 2025 (+7,5%). Mesmo com leve queda nas indenizações, os eventos climáticos reforçam sua função essencial para proteger produtores de todos os portes. O avanço da produção agrícola demanda ampliar a oferta e o alcance deste seguro.

Seguro Auto: estabilidade e crescimento

Com R\$ 9,4 bilhões em prêmios (+7,2%), o Seguro Auto mantém sua relevância. As indenizações cresceram quase 10%, refletindo uma maior circulação de veículos e o impacto das variações nos preços de novos e seminovos. A tendência é de continuidade nesse movimento,

Seguro Condomínio: proteção coletiva em expansão

Um dos grandes destaques foi o Seguro Condomínio, com impressionantes 40,1% de crescimento na arrecadação no bimestre. O aumento reflete a maior valorização da segurança em empreendimentos coletivos, diante de riscos diversos que exigem cobertura especializada.

Seguros Patrimoniais e Riscos Financeiros: crescimento e cautela

Os seguros patrimoniais registraram forte alta, com arrecadação de R\$ 4,8 bilhões (+14,1%), liderados pelos seguros Massificados e Habitacional. Por outro lado, as indenizações nos Seguros de Riscos Financeiros caíram expressivamente (-38,4%), sinalizando maior prudência no crédito e menor ocorrência de sinistros.

Previdência Aberta: crescimento e novos desafios

Os planos de Previdência Aberta arrecadaram R\$ 30 bilhões, com leve retração, mas os pagamentos saltaram para R\$ 27 bilhões (+29,6%). O fenômeno aponta para uma maior utilização dos recursos acumulados e evidencia a necessidade de o setor ajustar suas estratégias para manter a captação líquida positiva.

Saúde Suplementar: expansão contínua

O número de beneficiários em planos médico-hospitalares e odontológicos alcançou 86,6 milhões, com alta de 3,3%. A concentração em planos coletivos empresariais reforça a tendência de crescimento estável, mas também a necessidade de inovação e eficiência para atender a essa base crescente.

Fonte: CNSEG - 21/maio/2025



Susep divulga Boletim com dados do primeiro trimestre de 2025

A Superintendência de Seguros Privados (Susep) divulgou hoje, em seu site, o Boletim Susep, com dados do setor supervisionado até o mês de março de 2025.

No primeiro trimestre do ano, foram arrecadados R\$ 105,37 bilhões, o que representa um crescimento nominal de 2,35% em relação ao mesmo período de 2024. Em termos reais, no entanto, houve queda de 2,77%.

Os segmentos de seguros de danos e seguros de pessoas (excluindo o VGBL) arrecadaram, juntos, R\$ 52,24 bilhões no período, o que corresponde a um crescimento nominal de 8,11% e real de 3,05% na comparação com o primeiro trimestre do ano anterior.

No segmento de seguros de danos, o seguro automóvel - responsável por 41% da arrecadação - somou R\$ 14,21 bilhões no primeiro trimestre de 2025, valor 6,78% superior ao registrado no mesmo período de 2024 em termos nominais, e 1,77% em termos reais.

Outro destaque entre os seguros de danos foi o seguro compreensivo (residencial, condominial e empresarial), que apresentou crescimento nominal de 11,91% e real de 6,67% em relação ao mesmo período do ano anterior.

O Boletim apresenta ainda dados sobre indenizações, resgates, benefícios e sorteios, que somaram R\$ 20,81 bilhões no mês de março, totalizando R\$ 66,58 bilhões no acumulado do ano – o que representa um crescimento real de 11,47% em comparação ao primeiro trimestre de 2024. Esse aumento foi impulsionado principalmente pelos resgates dos produtos de acumulação (VGBL, PGBL e Previdência Tradicional).

Esses produtos, por sua vez, registraram contribuições de R\$ 45,02 bilhões no acumulado até março, o que representa uma redução nominal de 4,68% e real de 9,15% frente ao mesmo período do ano anterior.

No caso dos títulos de capitalização, a arrecadação R\$ 8,11 bilhões até março de 2025, com crescimento nominal de 9,77% e real de 4,61% na comparação com 2024.

As provisões técnicas do setor totalizaram R\$ 1,88 trilhão em março de 2025, equivalentes a 15,73% do Produto Interno Bruto (PIB). Em relação a março de 2024, o estoque dessas provisões cresceu 11,91% em termos nominais.

Esses e outros dados estão detalhados no Boletim Susep de março, que pode ser acessado no [site da Susep](#).

Para consultar os dados da Autarquia de forma mais dinâmica, acesse o Painel de Inteligência do Mercado de Seguros, o [Painel Susep](#).

Fonte: Susep - 27/maio/2025

Presença feminina no setor de seguros evolui, mas desigualdades persistem

Em um setor historicamente marcado pela presença masculina nas lideranças, a evolução da mulher no mercado de seguros começa a ganhar corpo — mas o topo da pirâmide ainda parece distante. É o que revela a 5ª edição do estudo “A Mulher no Setor de Seguros”, lançado pela Escola de Negócios e Seguros (ENS) com o apoio da entidade Sou Segura.

Realizado ao longo de mais de uma década, o levantamento é considerado um dos mais completos diagnósticos sobre a participação feminina no setor, tanto do ponto de vista quantitativo quanto qualitativo. Nesta edição, o estudo colheu mais de 600 entrevistas com profissionais mulheres, ampliando significativamente a base de comparação em relação às edições anteriores.

“Esse é um estudo de referência para o setor. Construiu-se uma série histórica que permite enxergar tendências, avaliar progressos e identificar gargalos importantes na jornada das mulheres no mercado segurador”, afirma Maria Helena Monteiro, diretora de Ensino da ENS. “É também um instrumento de transformação, pois traz elementos concretos para fomentar políticas mais inclusivas dentro das empresas.”

O que dizem os números

A pesquisa mostra que a presença feminina nas seguradoras brasileiras ultrapassa a masculina: 55% da força de trabalho do setor é composta por mulheres. Entretanto, nos cargos de direção, os homens ainda são maioria. A proporção é de dois diretores para cada diretora — uma melhora em relação à relação de 4 para 1 observada há dez anos, mas sem avanço desde a última edição do estudo, em 2022.

“Há avanços importantes, mas ainda lentos. A presença feminina aumentou, sim, mas a ascensão aos cargos de comando continua restrita”, analisa o economista Francisco Galiza, coordenador técnico do estudo. “As barreiras não estão apenas nas lideranças, mas também em aspectos estruturais, como a desigualdade salarial e a ausência de mecanismos eficazes de retenção de talentos.”

Segundo o estudo, as mulheres ganham, em média, 70% do salário dos homens nas seguradoras, mesmo quando têm níveis similares de escolaridade e participam mais ativamente de programas de treinamento. A defasagem salarial é uma realidade que também aparece em outros setores da economia, mas, no caso dos seguros, chama ainda mais atenção pela elevada presença feminina na base operacional.

Além disso, o estudo destaca um desafio recorrente: a saída de funcionárias após a maternidade, muitas vezes por ausência de políticas corporativas que favoreçam o retorno ao trabalho e conciliem as exigências da vida pessoal e profissional.

Novidades e tendências

Uma das inovações da edição de 2025 foi a análise da preferência por ramos de seguros conforme o gênero. Do ponto de vista das consumidoras, o segmento de benefícios (como seguros de vida, saúde e previdência) é visto como mais atrativo. Já entre as corretoras entrevistadas, o ramo automotivo foi citado como a melhor área de atuação profissional.

A análise também reforça a sobrecarga vivida pelas mulheres da chamada “geração sanduíche” — aquelas que cuidam simultaneamente de filhos e de pais idosos. Esse grupo relata um

aumento de estresse e dificuldades para equilibrar a vida profissional com as responsabilidades familiares, especialmente após a pandemia.

Ainda assim, há otimismo. A maioria das entrevistadas reconhece avanços nas práticas de diversidade dentro das empresas e aponta o fortalecimento das entidades de representação feminina, como a Sou Segura, como fator essencial para manter o tema em destaque.

A força das vozes femininas

Mais do que números, a pesquisa se diferencia pelo peso das falas das entrevistadas. As perguntas abertas permitiram a coleta de dezenas de relatos sobre oportunidades, barreiras, sugestões e percepções sobre o mercado. “Esse material é riquíssimo. Ele mostra a realidade vivida pelas mulheres no dia a dia das seguradoras, traz o que funciona e, principalmente, o que ainda precisa mudar”, afirma Maria Helena Monteiro.

Entre os depoimentos, surgem temas como o desejo por uma liderança mais empática, a necessidade de políticas claras de equidade salarial, a importância de mentorias femininas e a valorização de competências muitas vezes invisibilizadas, como escuta ativa e gestão emocional.

“Nosso objetivo é que esse estudo seja cada vez mais usado como base para ações concretas. A transformação do setor passa por dados, mas também pela escuta ativa dessas mulheres que, todos os dias, constroem o seguro no Brasil”, reforça Galiza.

Um setor em transformação

A quinta edição do estudo chega em um momento em que o setor de seguros vive mudanças regulatórias relevantes — como o novo Marco Legal dos Seguros (Lei 15.040/24) e a regulamentação das cooperativas — e passa a exigir das empresas não apenas eficiência técnica, mas também capacidade de atrair e reter talentos diversos.

“Equidade de gênero não é apenas uma demanda social. É uma questão de competitividade, de inovação e de sustentabilidade. As seguradoras que entenderem isso sairão na frente”, conclui Maria Helena.

Fonte - Sonho Seguro - 11/junho/2025

Allianz atinge R\$ 1 bi em arrecadação mensal no Brasil e quer ir além

A seguradora Allianz teve arrecadação superior a R\$ 1 bilhão em maio deste ano, atingindo a marca bilionária em um único mês pela primeira vez no País. Até 2027, a companhia quer dobrar o volume de prêmios de seguro em relação ao que registrou em 2023, ano em que desenhou um novo plano estratégico. O centro dessa estratégia é a diversificação de fontes de receita para além do automóvel, produto em que tem a maior presença no Brasil.

No final do ano passado, o seguro auto representava 73% do negócio da Allianz, importância que caiu para 69% nos primeiros meses de 2025. Nos próximos dois anos, o objetivo da seguradora é diluir esse peso para 65%. Não se trata de deixar de crescer em automóveis, mas de crescer mais em outras linhas.

Em 2024 a empresa já cresceu mais nestas outras linhas. Em seguros para condomínios, por exemplo, a alta foi de 40,5%, para R\$ 235 milhões, enquanto no vida, o volume de prêmios cresceu 28,9%, para R\$ 321 milhões. Nas linhas corporativas, a Allianz teve expansão de 14,7%, para R\$ 1,4 bilhão. O automóvel expandiu 6,8%, para R\$ 7 bilhões.

Diversificação

O CEO da Allianz no Brasil, Eduard Folch Rue, afirma que a empresa desenhou no final de 2023 uma estratégia corporativa com horizonte até 2027 para dobrar o volume de prêmios, chegando a R\$ 17,4 bilhões. Além de ampliar esforços para diversificar os produtos, a seguradora colocou como meta ampliar a rede de corretores e a presença regional.

A Allianz é uma das dez maiores seguradoras do País de acordo com dados de mercado, e no primeiro trimestre cresceu 24,8%, acima dos 8,1% do mercado. Segundo Folch Rue, o foco é no crescimento orgânico, sem aquisições no horizonte. Em 2020, a companhia comprou as operações de auto da SulAmérica, em uma transação de R\$ 3,2 bilhões.

Fonte: Estadão - 18/junho/2025

Setor supervisionado movimenta R\$ 140,7 bilhões até abril de 2025, mostra Boletim Susep

A Superintendência de Seguros Privados (Susep) acaba de divulgar, em seu site, a nova edição do Boletim Susep, com dados consolidados do setor supervisionado até abril de 2025. No acumulado dos quatro primeiros meses do ano, o setor arrecadou R\$ 140,72 bilhões, o que representa um crescimento nominal de 1,42% frente ao mesmo período de 2024.

Os segmentos de seguros de danos e seguros de pessoas (excluindo VGBL) arrecadaram, juntos, R\$ 70,48 bilhões em receitas no período, correspondendo a um crescimento nominal de 8,97% e real de 3,71% na comparação com o primeiro trimestre do ano anterior.

No segmento de seguros de danos, o seguro automóvel – responsável por 41% da arrecadação de danos – somou R\$ 19,21 bilhões até abril de 2025, valor 6,16% superior ao resultado do mesmo período de 2024 em termos nominais, e 1,05% em termos reais.

Já nos seguros de pessoas, sem incluir o VGBL, o montante arrecadado foi de R\$ 24,61 bilhões, representando um crescimento nominal de 8,99% e, em termos reais, uma evolução de 3,72%. Neste segmento, o seguro de vida se destacou no primeiro quadrimestre de 2025, com crescimento nominal de 9,92% e, em termos reais, de 4,61%.

Os produtos de acumulação, por sua vez, registraram contribuições de R\$ 59,23 bilhões no acumulado até abril, o que representa uma redução nominal de 7,69% e real de 12,11% em comparação com o mesmo período do ano anterior.

No caso dos títulos de capitalização, a arrecadação foi de R\$ 11,01 bilhões neste quadrimestre, com crescimento nominal de 11,16% e real de 5,78% na comparação com o ano passado.

O Boletim também informa que as indenizações, resgates, benefícios e sorteios totalizaram R\$ 88,46 bilhões no acumulado do ano até abril — um aumento nominal de 15,55% em relação ao mesmo período do ano passado.

Já as provisões técnicas — montantes que as empresas supervisionadas devem manter para garantir o cumprimento de seus compromissos futuros — totalizaram R\$ 1,9 trilhão em abril de 2025, o equivalente a 15,82% do Produto Interno Bruto (PIB). O Boletim apresenta, ainda, gráfico com a evolução do estoque de provisões técnicas nos últimos cinco anos, permitindo uma análise comparativa consistente ao longo do tempo. Em abril de 2021, por exemplo, o volume de provisões era de R\$ 1,2 trilhão, o que evidencia o crescimento do setor nesse período.

Esses e outros dados estão detalhados no Boletim Susep de abril, que pode ser acessado no [site da Susep](#).

Para consultar os dados da Autarquia de forma mais dinâmica, acesse o Painel de Inteligência do Mercado de Seguros, o [Painel Susep](#).

Lucro das seguradoras cresce 12% no primeiro quadrimestre de 2025

As 50 maiores seguradoras do país registraram um lucro líquido consolidado de R\$ 10,65 bilhões entre janeiro e abril de 2025, um aumento de 12,3% em relação ao mesmo período de 2024, quando o resultado somou R\$ 9,48 bilhões. Os dados foram divulgados pela consultoria Siscorp com base em informações da Susep. A rentabilidade sobre os prêmios (s/PL) ficou em 29% em 2025, ante 26% em 2024. O lucro sobre prêmios ganhos e rendas de previdência (s/PG + RGP) também aumentou, passando de 19% para 20%.

O volume total de arrecadação em prêmios emitidos pelas 50 maiores seguradoras foi de R\$ 124,77 bilhões no quadrimestre de 2025, crescimento de 0,9% em relação aos R\$ 123,71 bilhões no mesmo período de 2024. Apesar de modesto, esse crescimento ajudou a manter o fôlego do setor em um contexto de desafios econômicos e alta dos juros.

Segundo especialistas ouvidos pelo Sonho Seguro, o crescimento foi impulsionado por dois fatores principais: o aumento no volume de prêmios emitidos e a elevação da taxa Selic, que remunera as reservas técnicas das seguradoras e atingiu 15% ao ano em junho de 2025. Desde setembro de 2024, o ciclo de aperto monetário vem contribuindo para os resultados positivos das seguradoras. A Selic passou de 12,75% para 15% ao ano em apenas seis meses.

Essa elevação favoreceu os ativos financeiros vinculados às reservas técnicas — compostas majoritariamente por títulos públicos indexados a juros ou à inflação. Com mais de R\$ 1,5 trilhão sob gestão, as seguradoras viram seus ganhos com aplicações crescer significativamente, em especial nas linhas de previdência, vida e capitalização. A expectativa do mercado é de que o Copom mantenha a Selic elevada ao longo de 2025, o que deve seguir favorecendo a lucratividade do setor.

Os investimentos em tecnologia para inovação em produtos, melhor subscrição de risco e uma busca eterna para aprimorar a jornada ao consumidor para manter-lo fiel à marca, também dão frutos e engordam a rentabilidade. O setor de seguros no Brasil tem investido pesado em tecnologia, com foco em inovação e transformação digital, impulsionado pela CNseg. Em 2024, as seguradoras investiram cerca de R\$ 20 bilhões em tecnologia, o que representa 2,6% da receita do setor, segundo a CNseg. Esse investimento tem como objetivo ampliar o mercado, melhorar os serviços aos clientes e otimizar processos internos.

Impacto do IOF no horizonte do setor

Apesar dos bons resultados no início do ano, o setor segurador viu crescer a preocupação com os efeitos do aumento do IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) instituído recentemente pelo governo federal. A medida criou um alíquota de 5% para depósitos mensais acima de R\$ 50 mil (ou R\$ 600 mil anuais) em planos VGBL, enquanto aportes inferiores a esse valor estavam isentos. Com a reversão, todos os aportes voltam a ter IOF zerado.

A medida chegou a ameaçar o desempenho das seguradoras especializadas em previdência privada. O IOF mais alto encarece o crédito, desestimula aportes relevantes em planos de longo prazo e ainda impacta negativamente seguros atrelados a operações de câmbio, além de onerar operações de resseguro. A medida foi derrubada pelo Congresso Nacional nesta semana, após forte reação do setor e de parlamentares que apontaram seus efeitos nocivos para a classe média e para a poupança previdenciária.

Caso fosse mantido, o novo IOF teria afetado diretamente grupos como Brasilprev (Banco do Brasil), Bradesco Vida e Previdência, Caixa, Itaú, Icatu e Zurich — todos com atuação relevante no segmento de previdência individual e empresarial.

Ranking

O Banco do Brasil lidera o ranking tanto em lucro quanto em faturamento no primeiro quadrimestre de 2025. O conglomerado segurador estatal lucrou R\$ 2,07 bilhões e arrecadou R\$ 21,17 bilhões em prêmios, com 17% de participação de mercado. Apesar da queda de 20% no volume de prêmios em relação ao mesmo período do ano anterior, o lucro cresceu 15%, beneficiado pela alta dos juros.

Em segundo lugar, o Bradesco apresentou lucro de R\$ 1,52 bilhão, alta de 6% frente ao ano anterior, com prêmios emitidos de R\$ 20,98 bilhões, praticamente estáveis em relação a 2024. A Caixa manteve a terceira colocação em lucro (R\$ 1,35 bilhão) e também em prêmios (R\$ 12,29 bilhões), com leve crescimento.

O Itaú Unibanco caiu uma posição no ranking de faturamento, sendo ultrapassado pela Caixa, mas continua como o quarto maior grupo em lucro, com R\$ 842 milhões. A SulAmérica subiu da nona para a quinta posição em lucro, saltando de R\$ 263 milhões para R\$ 511 milhões — um crescimento de 94%, mesmo com prêmios ainda modestos no comparativo com os líderes (R\$ 336 milhões em abril de 2024). Outro destaque é a Tokio Marine, que manteve o quinto lugar em faturamento e apresentou um lucro de R\$ 502 milhões, crescimento modesto frente aos R\$ 506 milhões de 2024.

O levantamento mostra uma forte movimentação no ranking de prêmios emitidos. A Icatu, por exemplo, caiu do 12º para o 16º lugar em volume de prêmios, mas aumentou seu lucro de R\$ 230 milhões para R\$ 240 milhões. Já a Prudential caiu uma posição em faturamento, mas manteve-se entre as 10 maiores em lucro (R\$ 420 milhões). Outro movimento relevante foi da Generali, que subiu da 29ª para a 21ª posição em faturamento e cresceu 163% em lucro, passando de R\$ 33 milhões para R\$ 88 milhões..

Fonte: Siscorp - 26/junho/2025

Bradesco Seguros cresce 250% no Norte e amplia atuação em Tocantins

A Bradesco Seguros registrou, no primeiro trimestre de 2025, um crescimento de mais de 250% nas contratações do seguro para equipamentos agrícolas na Região Norte. O resultado reflete o avanço do setor agropecuário e o foco da seguradora em ampliar sua atuação em mercados regionais.

Entre os destaques está o estado do Tocantins, que teve aumento de 90% nas contratações e crescimento de 31,6% no número de itens segurados em relação ao mesmo período de 2024. A demanda crescente por equipamentos e a intensificação das atividades rurais na região têm estimulado o investimento em proteção patrimonial e fortalecido o mercado de seguros agrícolas.

A crescente demanda por equipamentos e a intensificação das atividades agropecuárias na região impulsionam não só os investimentos, mas também a geração de empregos. “O Tocantins é estratégico para nós. Estivemos presentes na Agrotins, maior feira agropecuária do Norte do país, onde reforçamos nosso compromisso com quem faz o agro acontecer”, afirmou Paulo César Martins, Superintendente Sênior de Negócios da Bradesco Seguros. “Tivemos encontros valiosos com corretores e clientes, o que reforça nosso foco em expandir com qualidade”.

Fonte: Sonho Seguro - 24/junho/2025

Lucro das seguradoras aumentou 12%

As 50 maiores seguradoras do país registraram um lucro líquido consolidado de R\$ 10,65 bilhões entre janeiro e abril de 2025, um aumento de 12,3% em relação ao mesmo período de 2024, quando o resultado somou R\$ 9,48 bilhões. Os dados foram divulgados pela consultoria Siscorp com base em informações da Susep. A rentabilidade sobre os prêmios (s/PL) ficou em 29% em 2025, ante 26% em 2024. O lucro sobre prêmios ganhos e rendas de previdência (s/PG + RGP) também aumentou, passando de 19% para 20%.

O volume total de arrecadação em prêmios emitidos pelas 50 maiores seguradoras foi de R\$ 124,77 bilhões no quadrimestre de 2025, crescimento de 0,9% em relação aos R\$ 123,71 bilhões no mesmo período de 2024. Apesar de modesto, esse crescimento ajudou a manter o fôlego do setor em um contexto de desafios econômicos e alta dos juros.

Segundo especialistas ouvidos pelo Sonho Seguro, o crescimento foi impulsionado por dois fatores principais: o aumento no volume de prêmios emitidos e a elevação da taxa Selic, que remunera as reservas técnicas das seguradoras e atingiu 15% ao ano em junho de 2025. Desde setembro de 2024, o ciclo de aperto monetário vem contribuindo para os resultados positivos das seguradoras. A Selic passou de 12,75% para 15% ao ano em apenas seis meses.

Essa elevação favoreceu os ativos financeiros vinculados às reservas técnicas — compostas majoritariamente por títulos públicos indexados a juros ou à inflação. Com mais de R\$ 1,5 trilhão sob gestão, as seguradoras viram seus ganhos com aplicações crescer significativamente, em especial nas linhas de previdência, vida e capitalização. A expectativa do mercado é de que o Copom mantenha a Selic elevada ao longo de 2025, o que deve seguir favorecendo a lucratividade do setor.

Os investimentos em tecnologia para inovação em produtos, melhor subscrição de risco e uma busca eterna para aprimorar a jornada ao consumidor para manter-lo fiel à marca, também dão frutos e engordam a rentabilidade. O setor de seguros no Brasil tem investido pesado em tecnologia, com foco em inovação e transformação digital, impulsionado pela CNseg. Em 2024, as seguradoras investiram cerca de R\$ 20 bilhões em tecnologia, o que representa 2,6% da receita do setor, segundo a CNseg. Esse investimento tem como objetivo ampliar o mercado, melhorar os serviços aos clientes e otimizar processos internos.

Apesar dos bons resultados no início do ano, o setor viu crescer a preocupação com os efeitos do aumento do IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) instituído recentemente pelo governo federal. A medida criou um alíquota de 5% para depósitos mensais acima de R\$ 50 mil (ou R\$ 600 mil anuais) em planos VGBL, enquanto aportes inferiores a esse valor estavam isentos. Com a reversão, todos os aportes voltam a ter IOF zerado.

A medida chegou a ameaçar o desempenho das seguradoras especializadas em previdência privada. O IOF mais alto encarece o crédito, desestimula aportes relevantes em planos de longo prazo e ainda impacta negativamente seguros atrelados a operações de câmbio, além de onerar operações de resseguro.

Caso fosse mantido, o novo IOF teria afetado diretamente os grupos com atuação relevante no segmento de previdência individual e empresarial.

Fonte: Fenacor - 2/julho/2025

Allianz Brasil supera R\$ 1 bilhão em prêmios em maio e bate recorde mensal

Maio representou um momento histórico para a Allianz Brasil: pela primeira vez, a companhia superou a marca de R\$ 1 bilhão em prêmios emitidos em um único mês. O forte desempenho é resultado direto do projeto de transformação e aceleração que vem sendo conduzido desde 2024, quando a empresa completou 120 anos de atuação no país. “Essa transformação envolve toda a nossa organização e tem como foco crescimento sustentável, excelência operacional, governança sólida e investimentos em pessoas e tecnologia”, diz Eduard Folch, presidente da Allianz Brasil.

1º quadrimestre marca crescimento expressivo e ganho de participação

A companhia ultrapassou R\$ 3,4 bilhões em prêmios no acumulado de janeiro a abril de 2025, segundo dados recentemente divulgados pela Superintendência de Seguros Privados (Susep). O volume representa um crescimento de 23% em relação ao mesmo período de 2024, resultado 14% acima da média do mercado. Esse avanço foi impulsionado por aumentos de dois dígitos em todos os segmentos de negócios, ficando, portanto, acima do desempenho geral do setor.

No ramo de Automóvel, principal linha de atuação da Allianz, o crescimento foi de 19%, superando em 13 pontos percentuais o setor, com ampliação do market share em 1,4 p.p. (de 11,4% para 12,8%). A evolução está ligada à ampliação da carteira, com 260 mil veículos a mais segurados nos últimos 12 meses, alcançando 2,6 milhões.

Também se destacam o seguro Agrícola, com elevação acima de 80% e conquista da segunda posição no mercado, e a carteira de Condomínio, que avançou 65%, ampliando o market share em 5 p.p. (de 25% para 30%).

Diversificação impulsiona os resultados

Segundo Eduard Folch, além do projeto de transformação e aceleração, o crescimento histórico da Allianz Brasil está ligado à estratégia de diversificação da companhia, atualmente estruturada em três pilares: produtos, canais e presença geográfica. “Seguimos com o Automóvel como nosso principal ramo, mas temos ampliado significativamente os demais segmentos em nosso portfólio”, avalia, destacando que a seguradora também vem avançando em estados fora do eixo tradicional do setor. “Assim, consolidamos a nossa presença nos grandes centros, ao mesmo tempo em que expandimos a atuação para mercados emergentes.”

Como parte da estratégia de expansão, o presidente da Allianz explica que a seguradora passou a operar com canais complementares de distribuição, visando ampliar a sua capilaridade. “Temos que estar onde o consumidor está. Essa medida é fundamental para atingirmos perfis variados de clientes e estarmos presentes em diferentes regiões e contextos, ampliando a nossa cobertura operacional, além de melhorarmos a experiência do consumidor”, justifica o executivo. Com múltiplos pontos de contato, ele também afirma que a companhia consegue se adaptar mais rapidamente às mudanças do mercado e oferecer

conveniência e acessibilidade, o que fortalece a competitividade e impulsiona o crescimento sustentável. “No entanto, o corretor, parceiro histórico e estratégico da Allianz, permanece como o nosso principal canal de distribuição e continuará sendo peça-chave na nossa atuação”, frisou.

Perspectivas 2025–2027

Até o final deste ano, a Allianz Brasil projeta avanço de dois dígitos. A estratégia está centrada em desenvolvimento sustentável, eficiência de capital, melhoria de margens, controle de despesas, redução de sinistros e diversificação dos negócios, impulsionada por tecnologia, escalabilidade e liderança de pessoas. Esses são pilares fundamentais no processo de aceleração e transformação da companhia, que traça metas ambiciosas até 2027.

“Estamos focados em rentabilidade nas linhas de seguros Auto e Patrimoniais, sempre buscando excelência técnica, oportunidades de mercado e parcerias, flexibilização de ofertas e digitalização de serviços”, explica o CFO da Allianz Seguros, Andreas Kerl. Para a linha de Pessoas, os novos produtos e ofertas sustentam a expectativa de continuidade do bom desempenho observado em 2024, especialmente nos seguros de Vida Coletivos. No segmento Corporativo, Andreas destaca que a ampliação do portfólio no seguro Rural e o reposicionamento estratégico da companhia, por meio da Allianz Commercial, também estão alinhados à estratégia de expansão.

Fonte: Sonho Seguro - 3/julho/2025

Lucro líquido das seguradoras somou R\$ 3,2 bi em abril

O lucro líquido das seguradoras avançou 23,1% em abril na comparação com o mesmo período do ano passado, totalizando R\$ 3,2 bilhões. Quando comparado com março (R\$ 3,8 bilhões), o resultado foi menor, mas analisando os números de janeiro (-4,1%) e fevereiro (-5,9%) houve recuperação do fôlego do setor. O resultado no acumulado do ano, de janeiro a abril, somou R\$ 12,5 bilhões, alta de 8,2% em relação ao mesmo período do ano passado.

Os dados são citados na 52ª edição do Boletim IRB+Mercado, divulgada pela plataforma IRB+Inteligência. A publicação considera os seguros de danos, responsabilidades e pessoas. As seguradoras arrecadaram, em abril, R\$ 18 bilhões, alta de 9,5% ante o mesmo mês em 2024. Na soma de janeiro a abril, o faturamento, ou seja, a emissão de prêmios chegou a R\$ 70,3 bilhões, crescimento de 8,9%. A análise considera base de dados atualizada pela Superintendência de Seguros Privados (Susep), órgão regulador do setor, em 23 de junho.

O índice de sinistralidade subiu 2,5 pontos percentuais (p.p.) em abril, considerando a base anual, atingindo 41,5%. No acumulado, o crescimento da taxa foi de 2,1 p.p., fechando em 41,6%. A alta foi impulsionada, principalmente, pelos segmentos Corporativo de Danos e Responsabilidades e Automóvel.

As seguradoras do país contrataram, em abril, quase R\$ 2,3 bilhões em resseguros, alta de 24,7% no comparativo com o quarto mês do ano passado. De janeiro a abril, os repasses em resseguros totalizaram R\$ 9,4 bilhões, variação positiva de 16,3% em relação aos quatro primeiros meses de 2024.

Resseguro

O resseguro é o “seguro das seguradoras”, define o IRB (Re), companhia de seguros no Rio de Janeiro. “É um tipo de contrato em que o ressegurador assume o compromisso de indenizar a seguradora por prejuízos que possam vir a ocorrer em decorrência de suas apólices de seguro”. Ao assumirem riscos, as seguradoras buscam garantias para honrar seus compromissos em caso de perdas. Por isso, elas repassam parte dos riscos e dos prêmios para uma resseguradora.

Responsável pela maior fatia do setor de seguros, Vida, que detém 36,1% de participação, emitiu prêmios de R\$ 6,6 bilhões em abril, alta de 10,8% frente ao mesmo mês em 2024. A sinistralidade no mês fechou com 27%, queda de 4,6 p.p..

O segmento Automóvel, por sua vez, faturou R\$ 4,8 bilhões no quarto mês do ano, com avanço de 4,3%. Em relação à taxa de sinistralidade, houve redução de 0,6 p.p em abril, fechando em 58,7%.

Corporativo de Danos e Responsabilidade evoluiu 17,2% em abril, arrecadando R\$ 3,5 bilhões. Já a sinistralidade no mês fechou com 48,1%, alta de 15,5 p.p.

Individual Contra Danos cresceu 10,2% na comparação abril de 2024 e abril de 2025, com a emissão de R\$ 1,5 bilhão em prêmios. A sinistralidade do segmento fechou abril em 28,5 %, retração de 3,6 p.p.

Rural emitiu, no total, R\$ 908 milhões em prêmios no quarto mês do ano, queda de 11% na comparação com o mesmo período do ano passado. A sinistralidade no mês fechou com 19,1%, alta de 1,7 p.p..

O Crédito e Garantia faturou R\$ 654 milhões, em abril, alta de 36,2% ante um ano antes. Foi a maior variação positiva registrada em abril, considerando todos os segmentos. Já a sinistralidade no mês fechou com 67,8%, alta de 50,8 p.p..

O Boletim IRB+Mercado, disponível na íntegra no site do IRB(Re), resume as operações de seguros. O Dashboard IRB+Mercado Segurador, que permite consulta dinâmica e gratuita às informações, também está no ar..

Fonte: Monitor Mercantil - 15/julho/2025

78,5% das campanhas salariais de junho conquistaram aumentos reais, diz Dieese

O Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) divulgou o resultado das negociações coletivas do mês de junho. Segundo o boletim “De Olho nas Negociações”, 78,5% das campanhas salariais organizadas por sindicatos conquistaram aumento reais, ou seja, acima da inflação.

O boletim traz informações preliminares das 181 negociações da data-base de junho. Além de revelarem novo aumento do percentual de resultados acima da inflação, registram queda acentuada na porcentagem de instrumentos coletivos com reajustes abaixo da variação do INPC (5,0%), retomando os patamares observados no final de 2024 e no primeiro trimestre de 2025.

Entre as negociações de junho, destacam-se as concluídas pelos trabalhadores/as nos segmentos do turismo e hospitalidade, no comércio atacadista e varejista e nos transportes, que puxaram para cima o resultado no mês.

Há exatos três anos, em junho de 2022, o percentual de aumentos acima da inflação nas campanhas salariais foi menor: 37%. A evolução demonstra a melhora dos índices econômicos e da efetividade das negociações coletivas.

Em junho de 2025, ainda segundo o Dieese, também houve aumento do percentual da variação real média. Nesse mês, o valor é, até o momento, igual a 1,05% acima do INPC. Se consideradas apenas as 142 negociações, entre as 181 analisadas pelo Dieese, que conquistaram ganhos reais em junho, a variação real média sobe para 1,39%. Por outro lado, nas nove negociações com reajustes abaixo do INPC, a variação real média foi de -0,85%

Outro dado importante: em junho, o valor do reajuste necessário - aquele preconizado pelo Dieese para suprir plenamente as necessidades materiais das famílias - foi de 5,20%, como o observado em abril. Para julho, será ligeiramente menor: 5,18%.”Nota-se, portanto, relativa estabilização do patamar inflacionário”, conclui o boletim.

[Acesse a publicação.](#)

Fonte: Dieese - 17/julho/2025

Seguros crescem 8% e capitalização tem alta de 11,5% até maio, mostra Boletim Susep

A Superintendência de Seguros Privados (Susep) divulgou, em seu site, a edição mais recente do Boletim Susep, que traz informações consolidadas do setor supervisionado até o mês de maio de 2025. De acordo com o relatório, o mercado supervisionado arrecadou R\$ 175,88 bilhões nos cinco primeiros meses do ano, um avanço nominal de 0,75% frente ao mesmo período de 2024.

Os seguros de danos e de pessoas (com exceção do VGBL) somaram R\$ 88,08 bilhões em receitas, o que representa um crescimento nominal de 8,09% em relação ao mesmo período do ano anterior.

No segmento de seguros de danos, os microsseguros se destacaram, arrecadando R\$ 780 milhões no período, o que representa alta nominal de 18,17% e crescimento real de 12,42% na comparação com os cinco primeiros meses de 2024.

O seguro auto arrecadou R\$ 24,01 bilhões no ano até o mês de maio, montante 5,89% superior ao registrado no mesmo período de 2024, em termos nominais.

Já nos seguros de pessoas, o seguro viagem foi destaque no período, obtendo crescimento nominal de 11,66% e expansão real de 6,20%, com um total de R\$ 390 milhões arrecadados, evidenciando o aumento da demanda por esse tipo de proteção.

Os produtos de acumulação – que incluem PGBL, VGBL e previdência tradicional – obtiveram contribuições e aportes de R\$ 73,86 bilhões no ano até o mês de maio, uma redução nominal de 8,33% e real de 12,79% na comparação com o mesmo período do ano anterior. Quando subtraídos os resgates e benefícios, a contribuição líquida para esses produtos foi positiva em R\$ 11,71 bilhões, de janeiro a maio de 2025.

Já no segmento de capitalização, o setor arrecadou R\$ 13,94 bilhões até maio, valor que representa um crescimento nominal de 11,54% e real de 6,06% em comparação ao mesmo período do ano passado.

As indenizações, resgates, benefícios e sorteios do setor supervisionado totalizaram R\$ 22,09 bilhões somente em maio de 2025. No acumulado do ano, R\$ 110,55 bilhões foram restituídos pelo setor à sociedade brasileira.

O estoque de provisões técnicas – montantes que as empresas supervisionadas devem manter para garantir o cumprimento de seus compromissos futuros – alcançou R\$ 1,9 trilhão em maio de 2025, o que representa 15,85% do Produto Interno Bruto (PIB) da economia brasileira. .

Fonte: Susep - 15/julho/2024

Sancor Seguros atinge lucro mensal recorde

Maio de 2025 foi um marco na história da Sancor Seguros (<https://www.sancorseguros.com.br/>) no Brasil. A companhia registrou seu maior lucro líquido mensal desde o início das operações no país, alcançando R\$ 4,4 milhões. O acumulado do ano também surpreende, em apenas cinco meses, a seguradora já obteve R\$ 17,2 milhões em lucro líquido, superando os resultados anuais de 2024 (R\$ 11,1 milhões) e 2023 (R\$ 15,6 milhões).

“Esses resultados superaram as expectativas da companhia para o período em mais de duas vezes. Esperávamos R\$ 7,5 milhões e chegamos R\$ 17,2 milhões”, destaca Rafael Gozer, CFO da Sancor Seguros.

O bom desempenho é atribuído, principalmente, à uma queda expressiva na sinistralidade líquida que ficou 7,1 pontos percentuais abaixo do esperado, e um resultado financeiro 25% superior às projeções iniciais.

“Atribuímos esse cenário positivo à combinação de disciplina financeira e uma estrutura sólida construída ao longo dos últimos anos”, reforça Ricardo Cipriano, CUO da companhia.

Nos indicadores operacionais, a empresa também atingiu patamares de excelência: sinistralidade líquida de 34,7%, Índice combinado de 98,3% e Índice combinado ampliado de 89,4%, todos acumulados até maio.

Entre os produtos que se destacaram no período estão os seguros rurais, com desempenho 82% acima do previsto, e os seguros patrimoniais, com 98% de superação frente às expectativas.

De acordo com Paulo Dawibida, CCO Sancor Seguros, o crescimento também se reflete nos prêmios emitidos, que aumentaram 18,4% até maio de 2025, na comparação com o mesmo período do ano anterior. “Os destaques ficam por conta do seguro rural, com alta de 27,8%, e dos seguros de vida, com crescimento de 19%”, afirma.

O ambiente interno da companhia também evoluiu. “Essa evolução reflete uma construção consistente ao longo do tempo, baseada em valores sólidos e na dedicação coletiva e engajada dos colaboradores. A transformação do ambiente interno acompanhou o amadurecimento da companhia, resultando em um clima mais produtivo, orientado à alta performance.” destaca Kaine Cristine, COO da Sancor Seguros.

Alfredo Tulian, CIO da empresa, complementa: “A evolução tecnológica acompanhou esse crescimento. Tivemos um aumento expressivo nos investimentos em inovação, que já impactam os resultados e seguirão como pilar essencial para o futuro sustentável da companhia”.

Gozer conclui destacando os fatores que fundamentam essa trajetória de crescimento. “A base sólida construída nos últimos anos, especialmente após a pandemia, foi essencial. Investimos fortemente em inovação, tecnologia, novos produtos, posicionamento de marca e melhorias de processos — pilares que hoje sustentam uma operação disciplinada, estratégica e voltada à longevidade”.

Fonte: G1 - 31/julho/2025

Lucro do grupo Bradesco Seguros cresce 14,2%

O Grupo Bradesco Seguros registrou lucro líquido de R\$ 4,737 bilhões no primeiro semestre de 2025, apresentando crescimento de 14,2% em relação a igual período do ano anterior, com evolução do ROAE de 0,8 p.p., para 21,7%. No segundo trimestre, o lucro líquido alcançou R\$ 2,3 bilhões, uma alta de 4,4% frente ao mesmo trimestre de 2024. O lucro líquido recorrente do banco Bradesco foi de R\$ 6,1 bilhões no segundo trimestre, alta de 28,6% em relação ao mesmo período do ano passado. No semestre, R\$ 11,9 bilhões, alta de 33%.

Destrinchando o ganho das empresas do grupo segurador, “vida e previdência” e “ramos elementares e outros” o lucro líquido recorrente caiu 28,3% e 5,8%, respectivamente, para R\$ 989 milhões e R\$ 292 milhões. Por outro lado, o lucro com saúde avançou de R\$ 335 milhões para R\$ 828 milhões. Capitalização também viu um aumento de 7% do lucro, para R\$ 185 milhões.

Já o faturamento do grupo segurador (receitas de prêmios, contribuições de previdência e receitas de capitalização) cresceu 1,8% na comparação semestral, somando R\$ 59,2 bilhões. Na primeira metade do ano, as indenizações e benefícios somaram R\$ 28,4 bilhões, número 3,5% maior que o apontado no mesmo intervalo de 2024.

“Reforçamos nossa atuação orientada ao resultado industrial, com disciplina de subscrição, precificação adequada e diversificação de operações, que proporcionam à companhia a resiliência necessária para crescer de forma sustentada em todas as empresas do grupo Segurador”, afirmou Ivan Gontijo, presidente do Grupo Bradesco Seguros.

A evolução das receitas e a redução do índice de sinistralidade contribuíram para o avanço do resultado das operações de seguros, que atingiu R\$ 5,7 bilhões no trimestre e R\$ 11 bilhões no semestre, com altas de 21,7% e 26,8%, respectivamente. Vale destacar, ainda, a performance do resultado financeiro, com crescimento de 7,9% no trimestre e de 8,1% na comparação semestral.

O Bradesco revisou nesta quarta-feira seu guidance de receita de prestação de serviços e resultado das operações de seguros, previdência e capitalização em 2025, conforme relatório de resultados. O Bradesco agora prevê um crescimento da receita de serviços entre 5% e 9%, superior à projeção anterior de 4% a 8%. O resultado das operações de seguros, previdência e capitalização, por sua vez, deve subir 9% a 13%, versus 6% a 10% anteriormente. As demais projeções para o ano foram mantidas.

As Provisões Técnicas evoluíram 11,2%, superando R\$ 425 bilhões, e os Ativos Financeiros, 10,6%, para R\$ 446 bilhões. O Grupo Segurador retornou à sociedade, na forma de indenizações e benefícios, R\$ 28,4 bilhões, alta de 3,5% em relação ao mesmo período de 2024.

Em 2025, o Grupo Bradesco Seguros segue investindo em tecnologia e inovação, com adoção de ferramentas e processos mais ágeis, introdução de novas jornadas no Portal de Negócios – que superou a marca de quatro milhões de acessos por mês -, e ênfase na multicanalidade.

A Bradesco Saúde lançou o plano Regional Goiás, voltado ao atendimento da capital, Goiânia, e outros 20 municípios do estado. Primeiro de uma série que deverá ser estendida gradualmente a outras regiões, o novo modelo de plano busca ampliar a presença da operadora no segmento de produtos com foco local, combinando preços competitivos e redes assistenciais de elevada qualidade.

Em Seguro de Vida, a Bradesco Vida e Previdência aprimorou seu portfólio de produtos individuais e voltados para o segmento PME. Já em Previdência Privada, em parceria com a Bradesco Asset e gestores terceiros, foram lançados produtos inovadores que têm contribuído para o aumento de arrecadação.

A Bradesco Auto/RE foi reconhecida na premiação internacional de inovação Qorus Accenture Innovation Insurance Awards com a conquista de prata e bronze pelos cases Seguro Proteção Digital e Sinistro Auto Conectado, respectivamente. Em Ramos Elementares, a companhia lançou, em parceria com a Swiss Re Corporate Solutions, um seguro de responsabilidade civil que oferece proteção financeira e defesa reputacional contra prejuízos e ações legais decorrentes de falhas na prestação de serviços. O novo produto contempla 11 áreas de atuação, majoritariamente de profissionais liberais.

A Bradesco Capitalização registrou alta de 21% no faturamento pelos canais digitais no 2T25, em comparação com o mesmo período do ano anterior. A empresa lançou o Max Prêmios Instantâneo 15, que proporciona uma experiência dinâmica com sorteios instantâneos de até R\$ 5 mil e uma jornada gamificada. O produto está disponível na plataforma de e-commerce da Bradesco Seguros.

Fonte: Sonho Seguro - 31/julho/2025

Com alta de 14%, Bradesco Seguros registra lucro de R\$ 4,7 bi no semestre

O Grupo Bradesco Seguros registrou lucro líquido de R\$ 4,737 bilhões no primeiro semestre de 2025, apresentando crescimento de 14,2% em relação a igual período do ano anterior, com evolução do ROAE de 0,8 p.p., para 21,7%. No segundo trimestre, o lucro líquido alcançou R\$ 2,3 bilhões, uma alta de 4,4% frente ao mesmo trimestre de 2024. O lucro líquido recorrente do banco Bradesco foi de R\$ 6,1 bilhões no segundo trimestre, alta de 28,6% em relação ao mesmo período do ano passado. No semestre, R\$ 11,9 bilhões, alta de 33%.

Destrinchando o ganho das empresas do grupo segurador, “vida e previdência” e “ramos elementares e outros” o lucro líquido recorrente caiu 28,3% e 5,8%, respectivamente, para R\$ 989 milhões e R\$ 292 milhões. Por outro lado, o lucro com saúde avançou de R\$ 335 milhões para R\$ 828 milhões. Capitalização também viu um aumento de 7% do lucro, para R\$ 185 milhões.

Já o faturamento do grupo segurador (receitas de prêmios, contribuições de previdência e receitas de capitalização) cresceu 1,8% na comparação semestral, somando R\$ 59,2 bilhões. Na primeira metade do ano, as indenizações e benefícios somaram R\$ 28,4 bilhões, número 3,5% maior que o apontado no mesmo intervalo de 2024.

“Reforçamos nossa atuação orientada ao resultado industrial, com disciplina de subscrição, precificação adequada e diversificação de operações, que proporcionam à companhia a resiliência necessária para crescer de forma sustentada em todas as empresas do grupo Segurador”, afirmou Ivan Gontijo, presidente do Grupo Bradesco Seguros.

A evolução das receitas e a redução do índice de sinistralidade contribuíram para o avanço do resultado das operações de seguros, que atingiu R\$ 5,7 bilhões no trimestre e R\$ 11 bilhões no semestre, com altas de 21,7% e 26,8%, respectivamente. Vale destacar, ainda, a performance do resultado financeiro, com crescimento de 7,9% no trimestre e de 8,1% na comparação semestral.

O Bradesco revisou nesta quarta-feira seu guidance de receita de prestação de serviços e resultado das operações de seguros, previdência e capitalização em 2025, conforme relatório de resultados. O Bradesco agora prevê um crescimento da receita de serviços entre 5% e 9%, superior à projeção anterior de 4% a 8%. O resultado das operações de seguros, previdência e capitalização, por sua vez, deve subir 9% a 13%, versus 6% a 10% anteriormente. As demais projeções para o ano foram mantidas.

As Provisões Técnicas evoluíram 11,2%, superando R\$ 425 bilhões, e os Ativos Financeiros, 10,6%, para R\$ 446 bilhões. O Grupo Segurador retornou à sociedade, na forma de indenizações e benefícios, R\$ 28,4 bilhões, alta de 3,5% em relação ao mesmo período de 2024.

Em 2025, o Grupo Bradesco Seguros segue investindo em tecnologia e inovação, com adoção de ferramentas e processos mais ágeis, introdução de novas jornadas no Portal de Negócios – que superou a marca de quatro milhões de acessos por mês -, e ênfase na multicanalidade.

A Bradesco Saúde lançou o plano Regional Goiás, voltado ao atendimento da capital, Goiânia, e outros 20 municípios do estado. Primeiro de uma série que deverá ser estendida gradualmente a outras regiões, o novo modelo de plano busca ampliar a presença da operadora no segmento de produtos com foco local, combinando preços competitivos e redes assistenciais de elevada qualidade.

Em Seguro de Vida, a Bradesco Vida e Previdência aprimorou seu portfólio de produtos individuais e voltados para o segmento PME. Já em Previdência Privada, em parceria com a Bradesco Asset e gestores terceiros, foram lançados produtos inovadores que têm contribuído para o aumento de arrecadação.

A Bradesco Auto/RE foi reconhecida na premiação internacional de inovação Qorus Accenture Innovation Insurance Awards com a conquista de prata e bronze pelos cases Seguro Proteção Digital e Sinistro Auto Conectado, respectivamente. Em Ramos Elementares, a companhia lançou, em parceria com a Swiss Re Corporate Solutions, um seguro de responsabilidade civil que oferece proteção financeira e defesa reputacional contra prejuízos e ações legais decorrentes de falhas na prestação de serviços. O novo produto contempla 11 áreas de atuação, majoritariamente de profissionais liberais.

A Bradesco Capitalização registrou alta de 21% no faturamento pelos canais digitais no 2T25, em comparação com o mesmo período do ano anterior. A empresa lançou o Max Prêmios Instantâneo 15, que proporciona uma experiência dinâmica com sorteios instantâneos de até R\$ 5 mil e uma jornada gamificada. O produto está disponível na plataforma de e-commerce da Bradesco Seguros.

Fonte: Sonho Seguro - 31/julho/2025

Lucro dos planos de saúde mais que dobra no 1º semestre de 2025

O setor de planos de saúde registrou lucro líquido de R\$ 12,9 bilhões no 1º semestre de 2025 (aumento de 131,94% em relação ao mesmo período do ano anterior). O resultado líquido é a soma dos resultados operacional, financeiro e patrimonial, acrescidos do efeito de impostos e participações.

Os números foram divulgados, nesta terça-feira, pela Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), autarquia do ministério da Saúde que regula os planos de saúde. O lucro líquido (de R\$ 12,9 bilhões) equivale a aproximadamente 6,8% da receita total do período, que foi aproximadamente R\$ 190 bilhões. Ou seja, para cada R\$ 100,00 de receitas, o setor auferiu cerca de R\$ 6,80 de lucro ou sobra. Os dados econômico-financeiros referentes ao primeiro semestre de 2025 são oriundos de informações contábeis enviadas pelas operadoras de planos de saúde

“Os números do primeiro semestre de 2025 mostram um resultado histórico para a saúde suplementar: aumento do resultado operacional, redução da sinistralidade e manutenção de receitas financeiras robustas”, disse o diretor de Normas e Habilitação das Operadoras da ANS, Jorge Aquino. Segundo ele, esse conjunto de fatores contribui para a sustentabilidade econômico-financeira do setor, “o que é fundamental para garantir a continuidade da assistência a mais de 50 milhões de beneficiários”.

O resultado líquido do setor no 1º semestre de 2025 é o maior, em termos nominais, da série histórica apresentada desde 2018, inclusive superior ao recorde anterior ocorrido no auge do isolamento social durante a pandemia de Covid-19, apontou a agência reguladora.

Com base nas informações enviadas à ANS, o desempenho se reflete na maioria dos entes regulados no setor, 77,5% (607 entidades) terminaram o 1º semestre com resultado líquido positivo informado (8,3 pontos percentuais acima do percentual observado no mesmo período do ano anterior).

Lucro das operadoras médico-hospitalares no 1º trimestre 2025

As operadoras médico-hospitalares são o principal segmento do setor e juntas atingiram um lucro líquido de R\$ 12,4 bilhões no agregado, fortemente impulsionado pelo aumento do resultado operacional e a contribuição do resultado financeiro.

Nos números agregados, o resultado operacional das operadoras médico-hospitalares – representado pela diferença entre a receita (majoritariamente advinda das mensalidades dos planos) e as despesas diretamente relacionadas às operações de assistência à saúde (assistenciais, comerciais e administrativas) – resultou em saldo positivo de R\$ 6,3 bilhões, aumento de 157% em relação ao mesmo período do ano passado e o maior desde 2021. O resultado operacional é a diferença entre as receitas e despesas da operação de saúde (receita das contraprestações/mensalidades e outras receitas operacionais deduzidas as despesas assistenciais, administrativas, de comercialização e outras despesas operacionais).

O aumento do resultado operacional se deu de forma mais expressiva nas operadoras de grande porte. No recorte por modalidade, as autogestões foram a única modalidade que registrou prejuízo operacional de 1,2 bilhão no 1º semestre de 2025 (10,3% a mais que no mesmo período do ano anterior).

Lucro dos planos de saúde mais que dobra no 1º semestre de 2025

O setor de planos de saúde registrou lucro líquido de R\$ 12,9 bilhões no 1º semestre de 2025 (aumento de 131,94% em relação ao mesmo período do ano anterior). O resultado líquido é a soma dos resultados operacional, financeiro e patrimonial, acrescidos do efeito de impostos e participações.

Os números foram divulgados, nesta terça-feira, pela Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), autarquia do ministério da Saúde que regula os planos de saúde. O lucro líquido (de R\$ 12,9 bilhões) equivale a aproximadamente 6,8% da receita total do período, que foi aproximadamente R\$ 190 bilhões. Ou seja, para cada R\$ 100,00 de receitas, o setor auferiu cerca de R\$ 6,80 de lucro ou sobra. Os dados econômico-financeiros referentes ao primeiro semestre de 2025 são oriundos de informações contábeis enviadas pelas operadoras de planos de saúde

“Os números do primeiro semestre de 2025 mostram um resultado histórico para a saúde suplementar: aumento do resultado operacional, redução da sinistralidade e manutenção de receitas financeiras robustas”, disse o diretor de Normas e Habilitação das Operadoras da ANS, Jorge Aquino. Segundo ele, esse conjunto de fatores contribui para a sustentabilidade econômico-financeira do setor, “o que é fundamental para garantir a continuidade da assistência a mais de 50 milhões de beneficiários”.

O resultado líquido do setor no 1º semestre de 2025 é o maior, em termos nominais, da série histórica apresentada desde 2018, inclusive superior ao recorde anterior ocorrido no auge do isolamento social durante a pandemia de Covid-19, apontou a agência reguladora.

Com base nas informações enviadas à ANS, o desempenho se reflete na maioria dos entes regulados no setor, 77,5% (607 entidades) terminaram o 1º semestre com resultado líquido positivo informado (8,3 pontos percentuais acima do percentual observado no mesmo período do ano anterior).

Lucro das operadoras médico-hospitalares no 1º trimestre 2025

As operadoras médico-hospitalares são o principal segmento do setor e juntas atingiram um lucro líquido de R\$ 12,4 bilhões no agregado, fortemente impulsionado pelo aumento do resultado operacional e a contribuição do resultado financeiro.

Nos números agregados, o resultado operacional das operadoras médico-hospitalares – representado pela diferença entre a receita (majoritariamente advinda das mensalidades dos planos) e as despesas diretamente relacionadas às operações de assistência à saúde (assistenciais, comerciais e administrativas) – resultou em saldo positivo de R\$ 6,3 bilhões, aumento de 157% em relação ao mesmo período do ano passado e o maior desde 2021. O resultado operacional é a diferença entre as receitas e despesas da operação de saúde (receita das contraprestações/mensalidades e outras receitas operacionais deduzidas as despesas assistenciais, administrativas, de comercialização e outras despesas operacionais).

O aumento do resultado operacional se deu de forma mais expressiva nas operadoras de grande porte. No recorte por modalidade, as autogestões foram a única modalidade que registrou prejuízo operacional de 1,2 bilhão no 1º semestre de 2025 (10,3% a mais que no mesmo período do ano anterior).

Negociações salariais: 1º semestre fecha com 75% dos acordos acima da inflação

O primeiro semestre de 2025 terminou com saldo positivo para a maioria das negociações salariais no Brasil. Segundo levantamento do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), 75,1% dos reajustes realizados entre janeiro e junho superaram a inflação medida pelo INPC. Outros 16,4% igualaram o índice, enquanto apenas 8,5% ficaram abaixo.

Após uma piora em abril (13,7% dos acordos abaixo da inflação) e maio (13,5%), o mês de junho registrou queda nesse indicador: apenas 5% dos reajustes analisados ficaram aquém da inflação. Ao todo, o Dieese mapeou 332 negociações com data-base em junho. A mediana das variações ficou 1,09% acima do INPC – a mais elevada desde julho de 2023.

O resultado foi impulsionado por acordos de destaque nos setores de turismo e hospitalidade, comércio atacadista e varejista e transportes. A expectativa do Dieese é de que a segunda metade do ano mantenha tendência positiva, com negociações envolvendo categorias de maior peso econômico, como bancários, petroleiros, metalúrgicos e químicos.

Tendência é de estabilidade com ganhos reais

O balanço do semestre reforça uma dinâmica de estabilidade nos reajustes salariais ao longo dos últimos dois anos. Desde 2023, mais de 75% dos acordos firmados mês a mês têm garantido aumento real aos trabalhadores e trabalhadoras.

Os dados também apontam diferenças entre regiões do país. O Centro-Oeste, o Norte e o Nordeste registraram as maiores proporções de reajustes acima da inflação no semestre, com percentuais de 82,3%, 80,8% e 77,6%, respectivamente. A região Sudeste aparece com o menor índice de acordos com ganho real: 71%.

A média nacional dos reajustes, considerando o acumulado dos últimos 12 meses, está 0,91% acima da inflação. Já a mediana é de 1,09%. Além disso, o estudo aponta queda nas negociações parceladas, que representaram apenas 5,6% do total em junho, menor valor da série iniciada em 2022.

O Dieese alerta que fatores como a política de juros e o cenário internacional – especialmente as medidas adotadas pelos Estados Unidos contra exportações brasileiras – podem afetar os próximos resultados. Ainda assim, a perspectiva é de continuidade no ritmo atual, com maioria dos acordos superando o índice inflacionário.

Fonte: Brasil de Fato - 21/julho/2025

Desempenho de mercado

O setor de seguros pagou R\$ 110,9 bilhões em indenizações, benefícios, sorteios e resgates (excluindo a Saúde Suplementar) nos cinco primeiros meses de 2025, representando um crescimento de 11,5% em relação ao mesmo período de 2024. Os benefícios e resgates pagos pelos planos de Previdência Aberta (R\$ 63,5 bilhões) continuaram impulsionando a alta nos desembolsos do setor, com um avanço de 19,1% em relação ao mesmo período do ano anterior, respondendo por quase 90% do crescimento acumulado até maio.

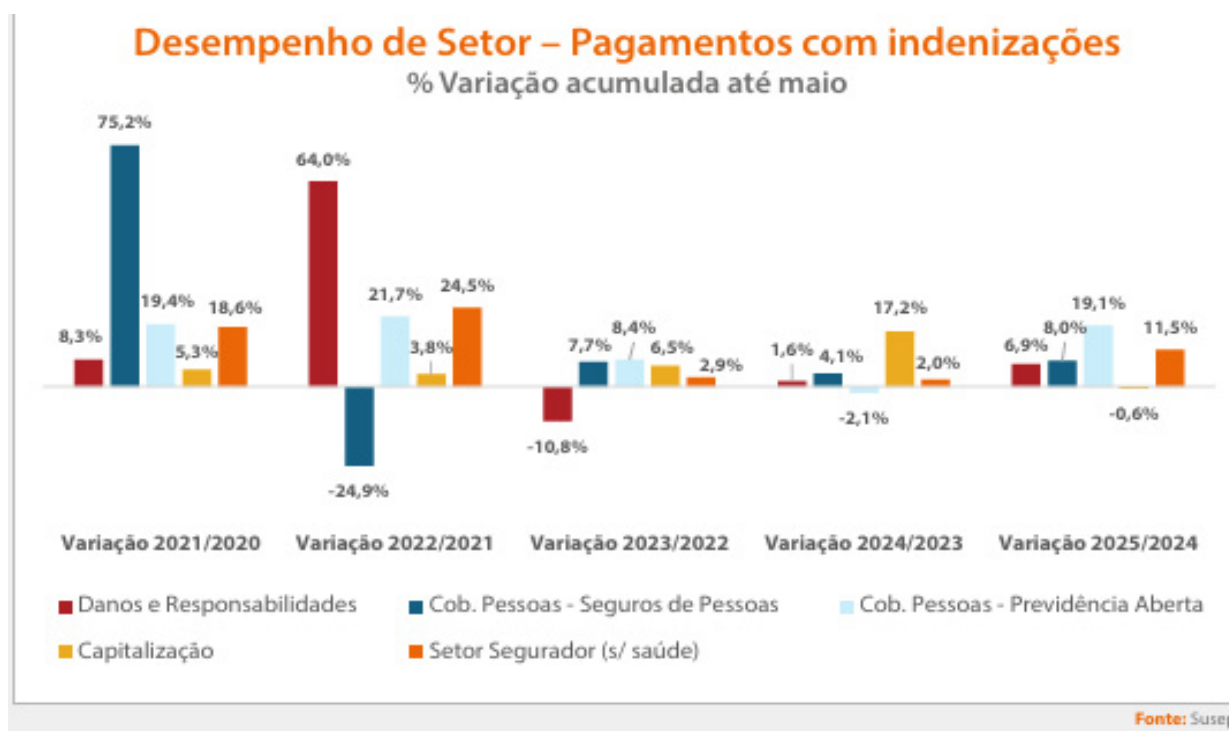
Na mesma comparação, as indenizações pagas pelos Seguros de Pessoas cresceram 8,0% (R\$ 6,9 bilhões). Com a consolidação dos dois grupos, o segmento de Cobertura de Pessoas pagou R\$ 73,0 bilhões em indenizações, benefícios e resgates, com alta de 15,4%.

O segmento dos seguros de Danos e Responsabilidades pagou R\$ 27,0 bilhões em indenizações até maio, crescimento de 6,9%, e os Títulos de Capitalização desembolsaram R\$ 10,9 bilhões com sorteios e resgates no acumulado até maio, registrando aparente estabilidade, com variação de apenas 0,6% em relação ao ano passado.

Em termos de arrecadação, o setor de seguros (excluindo a Saúde Suplementar) movimentou R\$ 175,9 bilhões com prêmios de seguros, contribuições em Previdência Privada e faturamento de Títulos de Capitalização nos cinco primeiros meses de 2025, traduzindo-se em uma virtual estabilidade (+0,8%) em relação ao volume arrecadado no mesmo período de 2024.

O segmento dos seguros de Danos e Responsabilidades movimentou R\$ 56,7 bilhões até maio, com crescimento de 7,8% no período.

No segmento de Cobertura de Pessoas, os Seguros de Pessoas movimentaram R\$ 31,5 bilhões em prêmios de seguro, representando uma expansão de 8,6%. Por outro lado, as contribuições dos planos de Previdência Aberta recuaram 8,7%, totalizando R\$ 72,6 bilhões em arrecadação. As receitas com os Títulos de Capitalização acumularam alta de 11,5% até maio, movimentando R\$ 13,9 bilhões.



Grupo Generali registra lucro operacional de € 2,1 bilhões em seguros gerais no semestre

A seguradora global Generali registrou lucro líquido ajustado de €2,237 bilhões no primeiro semestre de 2025, alta de 10,4% em relação ao mesmo período do ano anterior, impulsionada pelo desempenho operacional robusto em todas as áreas de negócios. O lucro líquido totalizou €2,152 bilhões, com crescimento de 4,9%. O resultado operacional consolidado atingiu €4,049 bilhões, um aumento de 8,7%, refletindo a boa performance das áreas de seguros de ramos elementares (P&C), vida e gestão de ativos — pilares do plano estratégico “Lifetime Partner 27: Driving Excellence”.

O volume total de prêmios emitidos cresceu 0,9% na comparação anual, para €50,5 bilhões, puxado principalmente pelo avanço nos negócios de P&C. O resultado operacional da unidade de seguros patrimoniais saltou 18,4%, chegando a €2,046 bilhões, com melhora de 1,4 ponto percentual no índice combinado, que ficou em 91%. Segundo a companhia, esse avanço decorre principalmente da redução da sinistralidade corrente não descontada.

No segmento de seguros de vida, o resultado operacional avançou 3,1%, para €2,016 bilhões. O valor dos novos negócios foi de €1,559 bilhão, com leve recuo de 2%. Os ingressos líquidos no ramo de vida foram positivos em €6,3 bilhões, com destaque para os produtos de proteção, saúde, híbridos e unit-linked.

Na área de gestão de ativos e fortunas, o resultado operacional foi de €560 milhões, leve retração de 1,1% em relação ao primeiro semestre de 2024. A performance foi sustentada pelo bom desempenho da Asset Management (+11,7%), com contribuição relevante da Conning Holdings Limited (CHL). Por outro lado, a linha de holding e outros negócios teve resultado negativo de €280 milhões, ante €-227 milhões no ano anterior.

O lucro por ação ajustado (EPS) cresceu 12,5%, alcançando €1,47. Já o índice de solvência do grupo subiu para 212%, ante 210% no fim de 2024, refletindo a sólida geração de capital e a implementação de um programa de recompra de ações de €500 milhões.

Para o CEO do Grupo Generali, Philippe Donnet, os resultados confirmam o início bem-sucedido da nova fase estratégica da companhia. “Tivemos um semestre excelente, com avanço significativo em seguros e gestão de ativos. Crescemos substancialmente em P&C em todas as nossas principais geografias, impulsionados por uma estratégia focada em crescimento lucrativo. Também mantivemos a trajetória de crescimento nos ingressos líquidos em Vida e entregamos resultados sólidos na nossa plataforma global de Asset Management, com o apoio da Conning. Seguiremos nessa direção, buscando a excelência como Lifetime Partner dos nossos clientes, com foco nas prioridades estratégicas do grupo e geração de valor para todos os nossos stakeholders.”

AIG lucra US\$ 1,1 bilhão no segundo trimestre

A American International Group (AIG) reportou lucro líquido de US\$ 1,1 bilhão no segundo trimestre de 2025, revertendo o prejuízo de US\$ 4 bilhões registrado no mesmo período do ano anterior. O lucro ajustado após impostos foi de US\$ 1 bilhão, ante US\$ 771 milhões em 2024, refletindo o aumento do resultado de subscrição no segmento de seguros gerais (General Insurance) e o forte desempenho da carteira de investimentos.

O prêmio bruto emitido pelo segmento de seguros gerais somou US\$ 10 bilhões, alta de 2% na comparação anual, enquanto os prêmios líquidos ficaram em US\$ 6,9 bilhões — queda de 1% em termos reportados, mas alta de 1% em base comparável, impulsionados pelo crescimento de 3% nos prêmios de seguros comerciais globais, que alcançaram US\$ 5,2 bilhões.

O lucro de subscrição do segmento totalizou US\$ 626 milhões, avanço expressivo de 46% em relação ao segundo trimestre de 2024. O resultado foi impulsionado por menores perdas com catástrofes (US\$ 170 milhões ante US\$ 330 milhões no ano anterior), melhora nos desenvolvimentos de anos anteriores (US\$ 112 milhões líquidos) e menores despesas de aquisição. O índice combinado caiu de 92,5% para 89,3%, refletindo redução tanto na sinistralidade (de 61% para 58,3%) quanto nas despesas administrativas (de 31,5% para 31%).

A receita com investimentos aumentou 48% no trimestre, atingindo US\$ 1,5 bilhão. Em termos ajustados, o rendimento foi de US\$ 955 milhões, alta de 9%. O resultado pré-impostos ajustado do segmento de seguros gerais cresceu 27%, chegando a US\$ 1,5 bilhão.

O CEO da AIG, Peter Zaffino, celebrou o desempenho: “A AIG teve um segundo trimestre excepcional. O lucro ajustado por ação foi de US\$ 1,81, representando um crescimento de 56% frente ao ano anterior. Alcançamos isso por meio de uma subscrição disciplinada, melhor desempenho dos investimentos e uma estratégia rigorosa de gestão de capital.”

Segundo ele, a operação de seguros gerais manteve a rentabilidade com índice combinado de 89,3%, mesmo diante de um ambiente macroeconômico desafiador. Destaque para o crescimento de 4% nos prêmios da carteira comercial na América do Norte. Já a linha de seguros pessoais registrou retração de 3%, influenciada por mudanças na estrutura de resseguros no segmento de alta renda, que apesar de impactar o crescimento, contribuiu para maior rentabilidade.

A companhia também devolveu US\$ 2 bilhões aos acionistas no trimestre, sendo US\$ 1,8 bilhão via recompra de ações e US\$ 254 milhões em dividendos. A dívida representava 17,9% do capital total da empresa no fim do trimestre, e a liquidez da holding era de US\$ 4,8 bilhões. As agências Moody's e S&P elevaram o rating de solidez financeira das subsidiárias seguradoras da AIG, reconhecendo a robustez do balanço da companhia.

Zaffino concluiu destacando a melhoria do retorno operacional sobre o patrimônio (ROE), que subiu para 11,7%, impulsionado pela iniciativa “AIG Next”, que já gerou mais de US\$ 500 milhões em economia. “Entramos no segundo semestre com grande impulso e plena confiança em nossa capacidade de atingir as metas de longo prazo, gerando valor excepcional para todos os nossos stakeholders”, afirmou.

Allianz registra lucro líquido de 5,5 bilhões de euros no semestre

A Allianz registrou lucro líquido de €3 bilhões no segundo trimestre de 2025, um aumento de mais de 17% em relação ao mesmo período do ano anterior, impulsionada por um forte desempenho no segmento de seguros patrimoniais e de acidentes (P&C). No acumulado dos seis primeiros meses do ano, o lucro líquido recorrente alcançou €5,5 bilhões, alta de 10% na comparação anual.

O lucro operacional do grupo somou €4,4 bilhões no segundo trimestre, crescimento de 12% em relação ao mesmo intervalo de 2024. No primeiro semestre, o lucro operacional totalizou €8,6 bilhões, um recorde semestral para a companhia, o que representa mais da metade da meta estipulada para o ano. A receita total da Allianz também avançou, com crescimento de 8% no segundo trimestre, para €44,5 bilhões, e de 10% no semestre, atingindo €98,5 bilhões.

O destaque da companhia foi a operação de seguros P&C, que teve desempenho robusto tanto no trimestre quanto no semestre. O volume total de negócios desse segmento cresceu 9% no trimestre e 8% no acumulado do ano, chegando a €20,1 bilhões e €47,1 bilhões, respectivamente. Já o lucro operacional da unidade avançou 20% no trimestre, alcançando €2,3 bilhões, e 12% no semestre, somando €4,5 bilhões.

A melhora é atribuída a um resultado técnico mais forte, que compensou uma menor rentabilidade dos investimentos operacionais. O índice combinado da carteira P&C caiu 2,2 pontos percentuais no trimestre, para 91,2%, e 1,2 ponto no semestre, para 91,5%, refletindo ações de subscrição mais rigorosas e menor impacto de eventos climáticos severos.

Na divisão de seguros de vida e saúde (Life & Health), os prêmios de novos negócios (PVNBP) cresceram 4% no trimestre, para €19,5 bilhões, e 11% no semestre, alcançando €45,6 bilhões. O valor dos novos negócios subiu 3% no trimestre e 9% no semestre, com margens atraentes de 5,7% e 5,6%, respectivamente. O lucro operacional da unidade foi de €1,4 bilhão no segundo trimestre e €2,8 bilhões no acumulado do ano, com altas de 2% e 5%.

A unidade de gestão de ativos também contribuiu positivamente, com receitas operacionais de €2 bilhões no segundo trimestre (+7%) e €4,1 bilhões no semestre (+4%). O lucro operacional do segmento chegou a €779 milhões no trimestre e €1,6 bilhão no semestre.

Para Oliver Bäte, CEO da Allianz, os resultados reforçam a consistência da estratégia da empresa. “A Allianz entregou resultados recordes no primeiro semestre, sustentados por crescimento contínuo e um foco disciplinado em produtividade. O valor e a relevância de nossos produtos nos ajudam a reter e ampliar nossa base de clientes. Nosso portfólio diversificado, presença global e execução consistente criam oportunidades e mantêm o ritmo para alcançarmos as metas estabelecidas no Capital Markets Day”, afirmou o executivo.

Lucro da Zurich alcança US\$ 3,1 bilhões no 1º semestre

A Zurich Insurance registrou lucro operacional recorde de US\$ 4,2 bilhões no primeiro semestre de 2025, um crescimento de 6% em relação ao mesmo período do ano anterior. O lucro líquido do grupo também avançou 1%, alcançando US\$ 3,1 bilhões, impulsionado pelos bons resultados nos ramos de seguros patrimoniais (P&C), vida e na operação da Farmers.

O destaque ficou com o segmento de Property & Casualty (P&C), cujo lucro operacional subiu 9%, para US\$ 2,4 bilhões — o maior da história da companhia. O faturamento bruto com prêmios e taxas de apólices cresceu 7%, somando US\$ 27,1 bilhões, com reajustes médios de preços de 3%. A sinistralidade combinada melhorou 1,2 ponto percentual, chegando a 92,4%, beneficiada por menor impacto de catástrofes naturais (1,8%, ante 2,4% em 2024) e recuperação do segmento de varejo. A receita com seguros P&C passou de US\$ 23 bilhões, alta de 7%.

Na linha de Vida, o lucro operacional foi de US\$ 1 bilhão, em linha com 2024. O volume de prêmios e depósitos cresceu 14%, para US\$ 18,2 bilhões, enquanto o valor presente dos prêmios de novos negócios subiu 20%, superando US\$ 10 bilhões. A receita com seguros de curto prazo aumentou 11%, e as receitas com taxas avançaram 10%, totalizando US\$ 384 milhões.

Já a divisão Farmers apresentou um crescimento de 4% no lucro operacional, que chegou a US\$ 1,2 bilhão. Os prêmios emitidos brutos subiram 5%, alcançando US\$ 15 bilhões, e os prêmios ganhos avançaram 3%, para US\$ 14,2 bilhões. Apesar das perdas com incêndios florestais em Los Angeles em janeiro, o índice combinado melhorou significativamente, de 95,2% para 90,5%.

Segundo o CEO Mario Greco, os resultados demonstram a eficácia da estratégia da Zurich mesmo em um cenário volátil: “Estou orgulhoso desses resultados excepcionais, que refletem nossa disciplina técnica, capacidade de execução e força do portfólio diversificado. O negócio de Vida manteve o desempenho recorde do ano passado, com crescimento contínuo da demanda. Já a Farmers registrou resultados técnicos excelentes e aumento no número de apólices pela primeira vez em mais de uma década.”.

Fonte: Sonho Seguro - 7/agosto/2025

Pottencial Seguradora cresce em apólices e prêmios

A Pottencial Seguradora, empresa líder no mercado brasileiro de Seguro Garantia e vice-líder em Seguro Fiança Locatícia, fechou o primeiro semestre em alta. Entre janeiro e junho deste ano, a companhia registrou crescimento de 34% de lucro líquido na comparação com o mesmo período do ano passado, totalizando R\$95 milhões. Em relação aos prêmios emitidos, o avanço foi de 9%, atingindo R\$721 milhões.

O pico de 2025 dessa expansão foi registrado entre janeiro e março, quando quase todas as modalidades de seguros da empresa tiveram incremento próximo dos 20%. “Esses números mostram que nossa estratégia de acompanhar os indicadores econômicos e antecipar as necessidades do mercado tem sido benéfica não apenas para a Pottencial Seguradora, mas para nossos clientes e parceiros também, que podem contar com soluções personalizadas e segurança financeira para seus negócios e patrimônios”, diz João Géio Neto, CEO da companhia.

Para o executivo, “o Brasil vive desafios importantes do ponto de vista econômico, em decorrência da alta taxa de juros e da instabilidade no comércio exterior. Apesar disso, acreditamos que podemos sempre criar oportunidades para promover o crescimento. É isso que nós estamos fazendo. Quando atuamos para proteger o que é de valor para as pessoas e empresas, asseguramos a continuidade de investimentos em setores diversos da economia, o que garante o desenvolvimento do país. É por isso que estamos conquistando cada vez mais espaço”.

Além do lucro e dos prêmios, números de aplicações, ativos e patrimônio também registraram crescimento.

Fonte: CQCS 11/agosto/2025

Setor segurador paga mais de R\$ 100 bilhões de indenizações em 5 meses

Dados da CNseg mostram crescimento expressivo de pagamentos e alta relevância do seguro no apoio a famílias e empresas

- Nos primeiros cinco meses de 2025, o setor segurador brasileiro, excluindo Saúde Suplementar, desembolsou R\$ 110,9 bilhões em indenizações, resgates, benefícios e sorteios para consumidores e empresas
- O valor superou a marca simbólica dos R\$ 100 bilhões com um mês de antecedência em relação a 2024, registrando alta de 11,5% no comparativo anual. Os dados foram divulgados pela Confederação Nacional das Seguradoras (CNseg)

Setor segurador: maio registra maior pagamento do ano

Somente em maio, o setor pagou R\$ 22,2 bilhões, o maior volume mensal de 2025. Apesar do montante robusto, houve queda de 2,2% frente ao mesmo mês de 2024, que havia registrado um pico excepcional devido ao início dos pagamentos das indenizações relacionadas às fortes chuvas no Rio Grande do Sul.

Arrecadação desacelera, mas alguns segmentos avançam no setor segurador

No acumulado de janeiro a maio, o setor arrecadou R\$ 176 bilhões em prêmios de seguros, contribuições à previdência aberta e faturamento de títulos de capitalização, um crescimento modesto de 0,8% em relação ao ano anterior.

O principal fator de desaceleração foi o desempenho dos planos de Previdência Aberta, que representam cerca de 40% da demanda total (sem Saúde Suplementar). Esses planos registraram:

- Arrecadação: R\$ 72,6 bilhões (-8,4%)
- Pagamentos de resgates e benefícios: R\$ 63,5 bilhões (+19,1%)
- Captação líquida: queda de quase R\$ 17 bilhões (-64,9%)

Segundo Dyogo Oliveira, presidente da CNseg, esse recuo reflete cautela dos consumidores diante de incertezas econômicas globais e do anúncio da incidência do IOF de 5% sobre aportes acima de R\$ 300 mil ainda este ano.

Segmentos em crescimento no setor de seguros

Mesmo com a retração da Previdência Aberta, outros ramos seguem em expansão:

- Seguros de Danos e Responsabilidades: R\$ 56,7 bilhões (+7,8%)
- Seguros de Pessoas: R\$ 31,5 bilhões (+8,6%)
- Títulos de Capitalização: quase R\$ 14 bilhões (+11,5%)

Os números reforçam o papel do setor segurador como amortecedor financeiro da sociedade, protegendo famílias e empresas em momentos de crise, acidentes, eventos climáticos e perdas inesperadas. Para o consumidor, a relevância do seguro vai além da indenização: trata-se de garantir estabilidade financeira e patrimonial diante de cenários incertos.

Porto tem lucro líquido de R\$ 878 milhões no 2º trimestre, alta anual de 50%

O Grupo Porto viu seu lucro líquido saltar 50% no segundo trimestre deste ano, na comparação anual, para R\$ 878 milhões. As receitas somaram R\$ 10 bilhões, expansão de 12%. A rentabilidade sobre o patrimônio (ROAE, em inglês) consolidado subiu para 24,6%, de 18,4% há um ano.

“O segundo trimestre é o de maior receita do grupo, olhando toda a série histórica”, disse o CEO do Grupo Porto, Paulo Kakinoff, em conversa com jornalistas. Além do retorno em alta, que superou 21% em todas as unidades de negócios e ficou acima da média histórica do grupo segurador, o executivo ressaltou a queda das despesas e o crescimento do resultado nas unidades de negócios.

Também contribuiu o resultado financeiro, que saltou 121% em um ano, somando R\$ 376 milhões no segundo trimestre. A disparada é explicada principalmente pelo juro mais alto, a 15%, e pelo desempenho das alocações em títulos indexados à inflação.

O diretor financeiro (CFO) do Grupo Porto, Celso Damadi, ressaltou que, quando o resultado financeiro fica muito robusto, como agora, a seguradora tem menos pressão para ter um resultado operacional muito melhor.

Nas unidades de negócios, as receitas e prêmios da Porto Seguro chegaram a R\$ 5,4 bilhões, alta de 5% em um ano. O maior crescimento veio do segmento de Vida (+17%), seguido pelo Patrimonial (+6%). No Auto, carro-chefe da Porto, tanto os prêmios quanto a frota segurada avançaram 3%, com adição de 165 mil veículos no período.

O índice de sinistralidade dessa unidade caiu 2,1 pontos percentuais em um ano. O Auto foi menos afetado pelos eventos climáticos, que tiveram impacto importante no mesmo período do ano anterior, ressaltou a empresa. “O Auto está entregando uma lucratividade até acima do que a gente havia previsto para o período”, disse Kakinoff.

Em saúde, a Porto Saúde teve crescimento de 24% no número de vidas, atingindo 751 mil beneficiários no trimestre. No Odonto, a expansão verificada também foi de 24%, chegando à marca de 1,1 milhão de vidas cobertas. A receita da unidade teve alta de 27%, somando R\$ 2 bilhões.

No negócio bancário, a receita do Porto Bank avançou 30%, atingindo R\$ 1,8 bilhão, por meio principalmente do crescimento do segmento de cartão, financiamento e empréstimos (+29%); consórcio (+28%) e capitalização (+17%).

Apesar do juro maior, não ocorreu aumento da inadimplência, segundo Domingos Falavina, diretor de relações com investidores da Porto. A taxa curta, para atrasos entre 15 e 90 dias, fechou junho em 4,2%, de 4,5% no primeiro trimestre. No mesmo trimestre de 2024, a taxa estava em 4,2%.

Já a Porto Serviço registrou queda de 2% na receita, para R\$ 624 milhões, por conta de menores sinistros de automóveis. Nesse caso, a seguradora comemorou a queda, porque vem da menor sinistralidade.

Por unidade de negócios do Grupo Porto (PSSA3), a Porto Seguro teve lucro líquido de R\$ 434,4 milhões no segundo trimestre, alta de 16,3%; a Porto Saúde registrou ganho de R\$ 105,5 milhões (+45,1%); a Porto Bank lucrou R\$ 204,1 milhões (+31,2%) e a Porto Serviço teve resultado líquido de R\$ 45,1 milhões, queda de 6,5%.

Seguradoras ampliam lucro em 16% no 1º semestre de 2025, para R\$ 16,5 bilhões

O setor de seguros manteve trajetória de crescimento no primeiro semestre de 2025, registrando lucro líquido consolidado de R\$ 16,5 bilhões, alta de 16% em relação ao mesmo período de 2024, quando o resultado havia sido de R\$ 14,2 bilhões, segundo levantamento da Siscorp com base em dados da Susep, que excluem saúde. A expansão reflete, sobretudo, ganhos de escala dos grandes conglomerados financeiros, melhora dos índices técnicos e um ambiente de menor volatilidade em algumas carteiras de risco.

Na liderança do ranking, houve troca de posições entre os dois maiores grupos do mercado. O Banco do Brasil assumiu a dianteira com R\$ 3,2 bilhões de lucro até junho, avanço de 26% sobre 2024. O Bradesco, que havia liderado no ano anterior, caiu para a segunda posição, com R\$ 2,4 bilhões, queda de 12%. Embora a metodologia da Siscorp considere apenas as operações supervisionadas pela Susep, é importante destacar que, no consolidado geral do setor, incluindo a área de saúde, fiscalizada pela ANS, o grupo Bradesco Seguros mantém a liderança. A companhia registrou um lucro líquido de R\$ 4,737 bilhões no primeiro semestre de 2025, alta de 14,2% em relação ao mesmo período do ano anterior, segundo balanço divulgado em 30 de julho.

A Caixa Econômica Federal manteve a terceira colocação, com R\$ 2,05 bilhões (+23%), seguida por Itaú Unibanco (R\$ 1,26 bilhão, +18%). Entre os grupos estrangeiros, destaque para a SulAmérica, que subiu do oitavo lugar em 2024 para a quinta posição, com lucro de R\$ 852 milhões – crescimento expressivo de 74%.

O ranking também mostrou movimentações importantes. A Porto Seguro e a Tokio Marine mantiveram posições de destaque na disputa pela sexta colocação. A Porto alcançou R\$ 832 milhões de lucro no semestre, enquanto a Tokio registrou R\$ 792 milhões. Como o avanço de SulAmérica, Porto, Tokio, a Prudential, que havia ocupado a quinta posição em 2024, com R\$ 792 milhões, caiu para a oitava em 2025, com lucro de R\$ 757 milhões, retração de 4%.

Outro destaque foi o desempenho do Zurich, que praticamente dobrou seu lucro, saindo de R\$ 347 milhões em 2024 para R\$ 520 milhões em 2025, subindo uma posição no ranking. Já a Seguros Unimed apresentou avanço expressivo, passando do 14º para o 12º lugar, com R\$ 385 milhões (+96%), e a Icatu também melhorou sua colocação, alcançando o 13º posto com R\$ 340 milhões (+3%).

Na parte inferior da lista, algumas companhias ainda enfrentam desafios. A Starr Seguros, que havia registrado prejuízo em 2024 (-R\$ 3,1 milhões), reverteu o resultado e apresentou lucro de R\$ 20 milhões em 2025. Já a AXA, que havia lucrado R\$ 10 milhões no ano anterior, voltou ao vermelho, com prejuízo de R\$ 8,5 milhões.

O retorno sobre o patrimônio líquido (ROE) médio das 50 maiores seguradoras passou de 25% em 2024 para 28% em 2025, evidenciando melhora na rentabilidade. Destaque para Banco do Brasil, com ROE de 88%, e para a XP Vida e Previdência, que, embora ainda em posição intermediária, mostrou um dos maiores avanços percentuais, com ROE de 41%.

Analistas apontam que a tendência para o segundo semestre é de continuidade do movimento de expansão, mas em ritmo mais moderado, diante das incertezas macroeconômicas, da concorrência crescente em produtos de vida e previdência e dos impactos regulatórios do novo marco legal dos seguros, que entra em vigor em dezembro. Também influencia no

crescimento de arrecadação a tributação do IOF sobre o VGBL.

Segundo a Federação Nacional de Previdência Privada e Vida (Fenaprevi), a captação líquida – resultado dos aportes menos os resgates – foi negativa em R\$ 3,1 bilhões. O resultado é 170,8% abaixo do registrado em junho de 2024, ou seja, R\$ 7,5 bilhões a menos. Os prêmios e contribuições totalizaram R\$ 8,2 bilhões, queda de 44,9% frente ao mesmo mês de 2024, ao passo que os resgates subiram 7,6%, com R\$ 11,4 bilhões.

O presidente da Fenaprevi, Edson Franco, afirma que a cobrança de IOF no VGBL interrompeu o fluxo de novas contribuições, em razão da instabilidade regulatória e da insegurança gerada por decretos sucessivos e suas repercussões no Legislativo e no Judiciário, o que trouxe grandes desafios operacionais para as empresas do setor.

“A Fenaprevi segue convicta de que o IOF no VGBL deveria ser revogado e o produto incentivado por ser o instrumento de proteção previdenciária mais inclusivo do mercado ao atender a todas as modalidades de emprego, principalmente considerando o contexto demográfico, de envelhecimento da população, as novas relações do mercado de trabalho e os desafios do sistema de previdência pública”, pontua Franco. Vale lembrar que o setor administra R\$ 1,7 trilhão em ativos, fruto do esforço contínuo das mais de 11 milhões de pessoas que buscam a proteção de longo prazo.

A CNseg, confederação das seguradoras, ainda não divulgou uma nova projeção do crescimento do setor para 2025. Antes da tributação do VGBL, que é a maior carteira de arrecadação do setor (sem considerar saúde), a expectativa era de avanço de 10% para o ano, impulsionado por um cenário econômico com inflação sob controle e avanços no varejo e na indústria. Entre as prioridades da CNseg estão a preparação para o novo Marco Legal dos Seguros, o acompanhamento da regulamentação da reforma tributária e iniciativas para a agenda climática, como o Seguro Social de Catástrofe e a participação na COP30 em Belém.

De qualquer forma, o resultado geral do setor mostra a solidez e a capacidade de adaptação das seguradoras brasileiras a pressão regulatória e macroeconômica do país, mas também revela concentração crescente nos grandes grupos financeiros, que detêm as maiores fatias de lucro do setor, segundo análise do relatório da Siscorp. “Se comparado com o volume de vendas, a curva do lucro está em outra direção, sinalizando melhoria nos processos e aumento de preço para garantir a margem”, comenta Dawson Henriques, sócio diretor da Siscorp.

O levantamento também evidencia uma diferença estrutural entre bancos e seguradoras independentes. Enquanto os conglomerados financeiros — caso de Banco do Brasil, Bradesco, Itaú e Caixa — concentram os maiores volumes absolutos de lucro e apresentam retornos robustos, sustentados pela diversificação em previdência e canais bancários de distribuição, grupos independentes como SulAmérica, Porto Seguro, Tokio Marine e Prudential vêm ganhando terreno pela eficiência operacional e capacidade de adaptação a novos nichos. Essa dinâmica reforça a concentração do mercado, mas também revela espaço para estratégias diferenciadas de crescimento fora do eixo bancário.

Fonte: Sonho Seguro - 26 / agosto / 2025

Zurich Seguros cresce no canal corretor

A estratégia de crescimento no varejo e expansão territorial da Zurich Seguros segue em ritmo acelerado. A companhia finalizou o primeiro semestre de 2025 com alta de 24,2% em prêmio emitido via canal corretor em comparação ao mesmo período de 2024, resultado de uma combinação de ações de relacionamento, diversificação de portfólio e reforço da presença regional.

O avanço foi sustentado pela ampliação da base de parceiros, com aumento de 19% no número de corretores cotando Auto Individual – produto considerado chave para o crescimento da companhia no mercado. Essa evolução reflete o estabelecimento de relacionamento próximo com o corretor Zurich e a intensificação da atividade comercial em todas as diretorias comerciais regionais.

Em destaque, a Diretoria Regional São Paulo apresentou o maior crescimento, com alta de +71,4% em prêmio emitido em relação ao primeiro semestre de 2024. Em seguida, vieram São Paulo Interior (+17,8%) e MG/CO (+14,5%). Confira os principais destaques em cada região:

- São Paulo Capital: impulsionada por Seguros Corporativos como Patrimonial (+447,7%) e Linhas Financeiras (+162,9%), além do Auto Individual (+59,8%).
- São Paulo Interior: crescimento sólido com destaque para Garantia (+55,1%) e Residencial (+27,8%); Filial Campinas com ampliação de +21,8% em negócios.
- Minas Gerais/Centro-Oeste: performance puxada por Garantia (+227,0%) e Frota (+105,5%); Filial Belo Horizonte teve crescimento expressivo de +30,5%.
- RJ/ES/N/NE: destaque para Patrimonial (+229,2%) e Residencial (+23,9%); Filial Rio de Janeiro registrou expansão de +21,3%.
- Sul: Garantia (+81,8%) e Residencial (+18,8%) sustentaram o resultado; região mantém perfil multiproduto e forte representatividade no portfólio da companhia.

Com relação aos produtos, os seguros corporativos foram protagonistas no território nacional, em alta se destacaram: Patrimonial (+186,5%), Linhas Financeiras (+112,9%), Frota (+57,7%) e Garantia (+40,4%). Nos seguros pessoais, destacam-se: Residencial (+19,6%), Auto Individual (+11%) e Vida (+6,5%). O auto individual, por sua carteira mais ampla, seguiu como carro-chefe, com crescimento de 13,5% na média diária de cotações e 9,6% na volumetria de itens vigentes.

A Zurich também segue expandindo sua atuação sustentável. Produtos como o Zurich Residência já oferecem diferenciais como descarte ecológico, coberturas para placas solares e carregadores de veículos elétricos, além da compensação de carbono na assistência 24h – benefício também disponível no Zurich Automóvel, em que os serviços de assistência e carro reserva contam com compensação de carbono desde 2023, ampliada para o seguro residencial em 2024.

“Esse primeiro semestre comprova que nossa estratégia está no caminho certo: direcionamos a atuação comercial de forma mais estratégica, ampliamos nossa capilaridade e fortalecemos a proximidade com os corretores, que são nossos principais parceiros de

negócios”, afirma Marcio Benevides, diretor executivo de Distribuição da Zurich Seguros.

Segundo Benevides, a companhia vem evoluindo com muita constância na atividade comercial e na regionalização da marca, tornando a seguradora cada vez mais presente da vida e no dia a dia do corretor e dos clientes.

“Avançamos na execução do nosso plano de expansão geográfica, com a consolidação nacional da Filial Digital e o fortalecimento de regiões-chave, sempre com foco em oferecer uma jornada mais simples, ágil e personalizada. A seguradora tem como objetivo crescer mais do que em números; queremos construir um relacionamento duradouro, diversificando a carteira dos parceiros de negócio e expandindo a presença da Zurich em todo o país”, ressalta o diretor.

Presença nacional com impacto

Marcio Benevides pontua ainda que, para além da presença comercial, a Zurich reconhece a importância de apoiar as comunidades em que a seguradora está presente, em linha com a estratégia de Sustentabilidade adotada há anos pela empresa.

“A companhia mantém projetos de impacto social e ambiental por todo o território nacional, desde o Tocantins, com o projeto Fonte de Futuro, que leva água tratada a escolas públicas sem acesso ao recurso, até Minas Gerais, com o Zurich Forest, projeto que se propõe a restaurar o bioma da Mata Atlântica na região de Aimorés”, relembra o executivo.

Marcio destaca que uma das principais iniciativas da companhia com impacto nacional é o Fundo de Catástrofe, mecanismo empresarial de ajuda humanitária mantido pela Zurich Seguros e a Zurich Santander. O fundo é destinado a situações de calamidade pública e desastres naturais, e já foi mobilizado em diferentes ocasiões, incluindo as enchentes do Rio Grande do Sul em 2024 e 2025, com envio de itens essenciais e apoio à reconstrução. No total, mais de 15 estados já foram contemplados pela iniciativa ao longo de mais de 6 anos.

“O Fundo de Catástrofe nasceu para dar uma resposta rápida e efetiva diante de tragédias climáticas e humanitárias. Estamos olhando para as regiões com um olhar para além do seguro, atuando para proteger e apoiar pessoas em situações de vulnerabilidade, principalmente aquelas que não podem contar com um seguro”, destaca Marcio.

Na visão da Zurich, o cenário segue favorável ao crescimento no canal corretor. O foco será intensificar o relacionamento com parceiros estratégicos, estimular a diversificação do portfólio e ampliar a capilaridade regional. “Nossa ambição permanece clara: ser a melhor seguradora para o corretor operar no Brasil. Com uma estrutura pensada para o dia a dia do corretor varejo, queremos ser uma seguradora que o corretor confia, recomenda e prioriza”, finaliza Marcio..

Fonte: ENS, em 27/agosto/2025.

Austral lucra de R\$ 56,1 milhões no 1º semestre

O grupo Austral fechou o primeiro semestre de 2025 com R\$ 2,3 bilhões de prêmios emitidos. A companhia, que abrange as operações de Austral Seguradora e Austral Resseguradora, registrou um lucro líquido de R\$ 56,1 milhões, alta de 21%. O patrimônio líquido no período atingiu R\$ 792 milhões, resultando em um retorno sobre patrimônio de 15,9%.

O desempenho consistente está diretamente ligado ao resultado operacional de Seguros e Resseguros, que apresentou uma redução de sinistralidade de 0,3 p.p. no período. O Grupo Austral também se beneficiou do aumento de 17% do resultado financeiro, refletindo maiores taxas de juros e maior geração de caixa, alcançando R\$ 2 bilhões de carteira de ativos financeiros.

A empresa, que tem um forte foco em eficiência e excelência de subscrição, vem investindo em tecnologia e inovação para aprimoramento e automação de processos, ferramentas de subscrição e de integração de informações com parceiros de negócios.

Austral Seguradora

No primeiro semestre deste ano, a Austral Seguradora reportou um lucro de R\$ 18,8 milhões, um crescimento de 7,1%, se comparado ao mesmo período do ano anterior. O segmento de Seguro Garantia se destacou com um aumento de 31,3% no volume de prêmios emitidos.

Com 52,7% de market share nos últimos 12 meses findos em maio de 2025, a seguradora se manteve líder de mercado na carteira de Energy, alcançando R\$ 569,6 milhões de prêmios emitidos no primeiro semestre de 2025. A aposta na diversificação do portfólio com a linha de Financial Lines também se manteve, e a carteira apresentou R\$ 8,5 milhões de prêmios emitidos no primeiro semestre do ano.

“Unimos excelência técnica com inovação e esta estratégia claramente reflete nos bons resultados do período. A iniciativa Austral Plug In, nosso ecossistema digital para o produto Garantia, tem papel central nesse movimento, ampliando nossa capacidade de distribuição com agilidade, controle e escalabilidade. Seguimos avançando na transformação digital com foco em eficiência e geração de valor para nossos parceiros e para o negócio”, avalia a Diretora Técnica da Austral Seguradora, Claudia Novello.

Austral Re

A Austral Resseguradora, por sua vez, cresceu 28% seu lucro no semestre, superando R\$35,4 milhões. O Índice Combinado retido de 98,2% demonstra o compromisso da empresa com o resultado de subscrição.

O faturamento atingiu R\$ 1,4 bilhão, em linha com o mesmo período do ano anterior. O balanço reflete o impacto positivo da carteira de Vida, que apresentou um importante incremento de 77% no semestre e já representa 10% do total da receita da empresa, que preserva sua estratégia de diversificação no portfólio.

“A Austral Re tem se dedicado a construir relações de longo prazo com os clientes de Vida, colocando à disposição das seguradoras ferramentas modernas de subscrição e toda experiência para apoiar os negócios atuais e no desenvolvimento de novos produtos. Participamos de diversos contratos das principais companhias do mercado brasileiro e seguimos crescendo no país e em toda América latina”, afirma a Diretora de Subscrição de Vida e Saúde, Alessandra Monteiro.

Setor de seguros ultrapassa R\$ 200 bilhões em arrecadação no primeiro semestre

A Superintendência de Seguros Privados (Susep) divulgou, em seu site, a edição mais recente do Boletim Susep, com informações consolidadas do setor supervisionado até junho de 2025. O mercado arrecadou R\$ 206,06 bilhões no primeiro semestre do ano, variação negativa de 1,67% em termos nominais frente ao mesmo período de 2024, quando o resultado foi de R\$ 209,56 bilhões.

As indenizações, resgates, benefícios e sorteios totalizaram R\$ 131,31 bilhões entre janeiro e junho, representando crescimento nominal de 9,96% na comparação anual.

Os seguros de danos e de pessoas (com exceção do VGBL) alcançaram R\$ 106,91 bilhões em arrecadação, alta nominal de 8,09% em relação ao primeiro semestre de 2024. No segmento de danos, o seguro auto manteve a maior participação, com 41,4% do total, somando R\$ 28,92 bilhões em prêmios — crescimento de 5,94% em termos nominais e de 0,73% em termos reais.

Nos seguros de pessoas, o destaque foi o seguro de vida, com R\$ 18,15 bilhões arrecadados, avanço de 10,78% em termos nominais e 5,32% em termos reais em relação ao mesmo período de 2024.

Entre os produtos de acumulação, as contribuições somaram R\$ 82,26 bilhões até junho, queda nominal de 13,93% frente ao primeiro semestre de 2024. Subtraídos os resgates e benefícios, a contribuição líquida para esses produtos foi de R\$ 6,31 bilhões no semestre.

Já o segmento de capitalização registrou desempenho positivo, com R\$ 16,89 bilhões arrecadados, alta nominal de 12,01% e real de 6,48% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Esses e outros dados estão detalhados no Boletim Susep de junho, disponível no [site da Autarquia](#). Para consultar os indicadores de forma interativa, acesse também o Painel de Inteligência do Mercado de Seguros, o [Painel Susep](#).

Fonte: SUSEP - 20 / agosto / 2025

Lucro da Tokio Marine avança 14% no semestre, para R\$ 792 milhões

A Tokio Marine Seguradora registrou lucro líquido de R\$ 792 milhões no primeiro semestre de 2025, 14% acima dos R\$ 695 milhões do mesmo período de 2024, e alcançou um faturamento de R\$ 7 bilhões, crescimento de 9% em relação ao mesmo período do ano passado. As indenizações pagas no período somaram R\$ 3,8 bilhões. “Mesmo em um cenário competitivo e desafiador, conseguimos avançar com consistência em nossas frentes estratégicas e temos a ambição de encerrar 2025 com lucro líquido na casa dos dois dígitos como temos registrado nos últimos anos”, comentou afirmou Daniel Dibe, diretor executivo de Finanças e Administração da Tokio Marine, em entrevista exclusiva. Em 2024 completo, a companhia lucrou R\$ 1,4 bilhão.

Com um índice combinado de 89,8%, a companhia manteve uma performance operacional sólida, sustentada por ganhos de eficiência e uma gestão técnica rigorosa de seus riscos. “Nosso resultado reflete o amadurecimento do modelo de negócio, apoiado em inovação, diversidade de portfólio e excelência no atendimento aos parceiros e clientes. O índice combinado mostra que crescemos com sustentabilidade, graças também a não ocorrência de eventos catastróficos, como foi o do Rio Grande de Sul em 2024. Ter um índice de sinistralidade menor contribui para ter uma rentabilidade melhor. O índice de sinistralidade no primeiro semestre de 50,7%, foi uma melhora significativa diante dos 54,9% registrado no fechamento do ano de 2024”, explica.

A Tokio Marine manteve sua posição como terceira maior seguradora do país no segmento de automóveis, com crescimento de 7,9% nos prêmios emitidos, mesmo em um semestre marcado por forte concorrência. A Tokio é superada apenas pela Porto Seguro e HDI, que conquistou a posição com a aquisição da Liberty, consolidada em 2024. “Percebemos nossos competidores crescendo, mas mantemos nosso market share”, acrescentou.

Produtos de nicho também ganharam tração. O seguro para condomínios teve crescimento expressivo de 57,5%, enquanto o Fiança Locatícia cresceu 36,1%, impulsionado por melhorias tecnológicas, como a implementação de biometria facial no processo de contratação. Já o seguro residencial avançou 12,5%. “O desempenho da carteira de massificados comprova a assertividade da nossa estratégia de diversificação, com produtos bem estruturados e foco na experiência do cliente. Buscamos entregar inovação com segurança e simplicidade”, avaliou Dibe.

Na carteira de seguros de pessoas, o crescimento foi de 14,8% no segmento individual, com destaque para os produtos Viagem (+41,6%), Vida Individual (+14%) e Funeral+ (+22,6%). No segmento coletivo, o crescimento foi de 8,5%. Entre as inovações, o Simulador Capital Sob Medida passou a apoiar corretores e clientes na definição do valor ideal de capital segurado, respeitando a privacidade dos dados informados. “Trata-se de uma solução que fortalece o papel consultivo do corretor e permite uma proteção mais adequada à realidade de cada cliente”, disse Dibe.

No segmento de seguros corporativos, a Tokio Marine consolidou-se como a segunda maior do mercado, com forte avanço em nichos como Transporte Nacional (+117,7%), Riscos de Engenharia (+50%) e Garantia para o setor público (+31%). Uma das inovações do semestre foi o lançamento do seguro M&A (fusões e aquisições), em parceria com a HCC, também do Grupo Tokio Marine. A cobertura atende riscos associados a declarações

e garantias contratuais durante processos de compra e venda de empresas. “A complexidade do ambiente de negócios demanda soluções técnicas e personalizadas. Nosso objetivo é ser um parceiro estratégico das empresas brasileiras, apoiando-as na mitigação de riscos e na geração de valor”, afirmou Dibe.

Desafios para o segundo semestre

A companhia, que completa 66 anos de presença no Brasil, segue comprometida com a expansão de sua atuação no país. Até 2026, o plano estratégico “Tokio Transforma” seguirá guiando os investimentos em crescimento sustentável, inovação, produtividade e práticas ESG. “Nosso foco é continuar entregando valor ao mercado brasileiro com soluções completas, sustentáveis e cada vez mais conectadas com as necessidades da sociedade”, destacou o executivo.

Para o segundo semestre, Dibe antecipa um ambiente ainda mais competitivo, o que exigirá disciplina nas despesas e atenção à eficiência operacional. “Temos uma Despesa Administrativa em torno de 8%, o que consideramos um patamar saudável e com margem de manobra. A expectativa é que a concorrência aumente, mas estamos preparados para manter nossa competitividade com equilíbrio técnico e gestão eficiente”, afirmou.

O executivo também observa com cautela o impacto do chamado “tarifaço” sobre o setor, especialmente nos ramos de transporte internacional. “Esse segmento é muito sensível aos preços das commodities. Caso não haja novas alterações tributárias, ainda haverá um período de ajuste, e isso poderá impactar temporariamente o desempenho até que novos mercados sejam explorados. Por enquanto, é preciso observar os reais efeitos dessas medidas”, analisou.

Outro ponto de atenção é o IOF sobre a compra de resseguros internacionais, que passou de 3,39% para 3,5% no primeiro semestre. Segundo Dibe, esse aumento tem impacto mais relevante para produtos de acumulação, como o VGBL, tornando a operação mais cara, mas o grupo não atua nestes produtos. “Nos resseguros, o efeito é mais limitado. As compras locais permanecem, e seguimos atentos ao cenário regulatório”, explicou.

A Tokio também já se prepara para a entrada em vigor do novo marco legal dos seguros, que começa a valer em dezembro de 2025. “Nos produtos massificados, já ajustamos praticamente toda a nossa operação. O desafio agora está em grandes riscos, onde há necessidade de readequar cláusulas contratuais e processos, especialmente no relacionamento com reguladoras de sinistros e resseguradoras. Estamos trabalhando para estar 100% aderentes até dezembro”, afirmou Dibe.

O planejamento da seguradora já inclui também as exigências da reforma tributária, que terá seu impacto pleno a partir de 2027, mas exigirá adaptações já a partir de 2026 — ano considerado de testes para a nova realidade fiscal. “É um desafio para todo o setor. A mudança exige reestruturação de sistemas, ajustes nas relações com fornecedores e parceiros de negócios. Estamos acompanhando de perto a regulamentação e aguardando as instruções da Receita Federal para garantir que todas as adequações ocorram com segurança e dentro dos prazos. A preparação para 2026 é estratégica para que estejamos prontos para a virada de chave em 2027”, afirmou o executivo.

Lucro da Generali avança 25% no semestre, para R\$ 59 milhões

A Generali Brasil fechou o primeiro semestre do ano com lucro de R\$ 59 milhões, valor 25% maior do que o registrado no mesmo período do ano passado. Os prêmios emitidos totais já chegam a R\$ 1,3 bilhão, dos quais 87% correspondem ao canal de massificados. O número bruto é 90% maior do que o contabilizado no mesmo período do ano anterior. Em todo o ano de 2024, por exemplo, a Generali teve lucro de R\$ 104,8 milhões, 38% superior ao que foi registrado em 2023.

Já o Resultado Operacional ficou em R\$ 89 milhões, 16% superior ao primeiro semestre do ano passado. A companhia, que atua com seguros de vida, massificados e grandes riscos, vem registrando crescimento consistente a cada período contábil.

Com uma estratégia voltada à expansão sustentável e ao fortalecimento de parcerias comerciais, a empresa tem ampliado sua presença em todo o território nacional por meio de soluções acessíveis e produtos que acompanham a transformação digital do setor. O desempenho positivo também é resultado da otimização de processos internos e da maior eficiência operacional.

“Os números do semestre refletem a solidez da nossa estratégia de expansão no canal de massificados, que tem sido fundamental para o nosso crescimento sustentável. Atingir R\$ 1,3 bilhão em prêmios emitidos reforça que estamos no caminho certo, entregando valor para todos os nossos stakeholders”, comenta o CEO da Generali Brasil, Eric Lundgren, em nota.

O executivo destaca que o foco em inovação tecnológica e personalização de produtos são pilares que sustentam o crescimento da empresa. “Estamos colhendo os frutos de um trabalho contínuo de fortalecimento da operação, com foco na eficiência, inovação e na proximidade com os nossos clientes e parceiros. Seguiremos investindo em soluções que antecipam as necessidades do mercado e ampliam o acesso à proteção”, finaliza.

Em 2025, a Generali completou 100 anos de atuação no Brasil. Em comemoração ao centenário, inaugurou uma mostra que resgata a história da companhia em solo brasileiro, batizada de “Spazio di Memoria”. O local, que fica na sede carioca da empresa, traz fotos, vídeos, documentos, prêmios e depoimentos, que transportam o visitante ao passado.

Também iluminou o Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, e lançou o livro comemorativo “O Legado do Leão”: a obra reúne declarações de colaboradores, imagens históricas, marcos institucionais e momentos que destacam o impacto da companhia no mercado segurador e na sociedade brasileira.

Hoje o Grupo Generali conta com cerca de 87 mil colaboradores e 71 milhões de clientes. No Brasil, consolidou sua posição como a primeira seguradora estrangeira a operar no país, desde 1925..

Fonte: Sonho Seguro - 25/agosto/2025

56% fazem trabalho extra para complementar renda nas capitais, diz pesquisa

Precisar recorrer a algum trabalho extra para complementar a renda é uma realidade para 56% da população consultada por uma pesquisa em dez capitais brasileiras.

As atividades mais citadas foram bicos de serviços gerais, o que inclui faxina, manutenção, reformas, jardinagem e “marido de aluguel” (17%).

Vender roupas e outros artigos usados (12%), produzir alimentos em casa para venda (9%), revender cosméticos ou produtos de beleza (8%), atuar como motorista ou realizar entregas por aplicativo (7%) e outras tarefas também aparecem na lista.

As informações integram a pesquisa Viver nas Cidades: Desigualdades, com lançamento nesta quinta-feira (28). Trata-se de uma iniciativa do Instituto Cidades Sustentáveis em parceria com a Ipsos-Ipec e a Fundação Volkswagen.

Segundo os responsáveis, o levantamento foi realizado de maneira online a partir de uma amostra com pessoas de 16 anos ou mais, que moram nas capitais investigadas há pelo menos dois anos e que pertencem às classes A, B, C, D e E.

A margem de erro é de dois pontos percentuais para mais ou para menos no caso do universo total. Para os resultados desagregados por capital, a margem pode variar de 4 a 6 pontos percentuais.

A pesquisa afirma que 37% dos entrevistados não precisaram recorrer a atividades extras para complementar a renda nos últimos 12 meses –as entrevistas foram aplicadas no período de 1º a 20 de julho de 2025. Os outros 7% não souberam responder.

Conforme a publicação, os entrevistados que recorreram a trabalhos extras nos últimos 12 meses se sobressaem entre os grupos com rendimento mensal familiar de até dois salários mínimos (68%), que possuem ou convivem com pessoas com deficiência (68%) e das classes D e E (65%).

Também são mais significativos entre pretos e pardos (63%), evangélicos e protestantes (63%) e a camada com ensino médio (62%).

Belém (70%), Manaus (69%) e Fortaleza (65%) foram as capitais com as maiores proporções de pessoas que precisaram recorrer a atividades extras.

Porto Alegre, por outro lado, teve o menor percentual: 47%. Foi a única capital com menos de 50%. Em São Paulo, 53% fizeram trabalhos para complementar o rendimento.

..

Fonte: Folha de São Paulo - 28/agosto/2025

Setor arrecada mais de R\$ 200 bilhões até junho

A Superintendência de Seguros Privados (Susep) divulgou, em seu site, a edição mais recente do Boletim Susep, com informações consolidadas do setor supervisionado até junho de 2025. O mercado arrecadou R\$ 206,06 bilhões no primeiro semestre do ano, variação negativa de 1,67% em termos nominais frente ao mesmo período de 2024, quando o resultado foi de R\$ 209,56 bilhões.

As indenizações, resgates, benefícios e sorteios totalizaram R\$ 131,31 bilhões entre janeiro e junho, representando crescimento nominal de 9,96% na comparação anual.

Os seguros de danos e de pessoas (com exceção do VGBL) alcançaram R\$ 106,91 bilhões em arrecadação, alta nominal de 8,09% em relação ao primeiro semestre de 2024. No segmento de danos, o seguro auto manteve a maior participação, com 41,4% do total, somando R\$ 28,92 bilhões em prêmios — crescimento de 5,94% em termos nominais e de 0,73% em termos reais.

Nos seguros de pessoas, o destaque foi o seguro de vida, com R\$ 18,15 bilhões arrecadados, avanço de 10,78% em termos nominais e 5,32% em termos reais em relação ao mesmo período de 2024.

Entre os produtos de acumulação, as contribuições somaram R\$ 82,26 bilhões até junho, queda nominal de 13,93% frente ao primeiro semestre de 2024. Subtraídos os resgates e benefícios, a contribuição líquida para esses produtos foi de R\$ 6,31 bilhões no semestre.

Já o segmento de capitalização registrou desempenho positivo, com R\$ 16,89 bilhões arrecadados, alta nominal de 12,01% e real de 6,48% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Esses e outros dados estão detalhados no Boletim Susep de junho, disponível no site da Autarquia. Para consultar os indicadores de forma interativa, acesse também o Painel de Inteligência do Mercado de Seguros, o Painel Susep.

Fonte: Susep - 21/agosto/2025

Mercado devolveu R\$ 130 bi para a sociedade até junho

Dados oficiais da Susep indicam que o mercado de seguros devolveu para a sociedade, no primeiro semestre deste ano, cerca de R\$ 131,3 bilhões sob a forma de indenizações, resgates, benefícios e sorteios. Esse valor representa um aumento de 9,96% em preços correntes e de 4,65% em termos reais (já descontada a inflação acumulada) sobre o montante registrado nos seis primeiros meses de 2024.

Dessa forma, a média diária de valores injetados pelo setor na economia brasileira girou em torno de R\$ 725 milhões, até junho.

Aproximadamente 60% desses recursos (R\$ 77,9 bilhões) foram referentes a resgates no VGBL, PGBL e planos tradicionais de previdência aberta.

Outra soma importante (R\$ 40,2 bilhões) foi relativa aos pagamentos de indenizações de seguros.

Foram registrados ainda R\$ 13,2 bilhões em resgates e sorteios na capitalização.

RECEITA CAI

De acordo com a Susep, a arrecadação do setor ficou pouco acima de R\$ 206 bilhões até junho, representando uma queda nominal de 1,67% em relação ao primeiro semestre de 2024.

Já em termos reais (ou seja, descontada a inflação do período), houve retração de 6,4% da receita.

Os segmentos de seguros de danos e seguros de pessoas (excluindo o VGBL) arrecadaram, juntos, R\$ 106,9 bilhões no período, o que corresponde a um crescimento nominal de 8,09% e real de 2,78% na comparação com o primeiro semestre do ano anterior.

Entre os produtos de acumulação (VGBL, PGBL e previdência tradicional), as contribuições somaram R\$ 82,26 bilhões até junho, queda nominal de 13,93% e real de 18,08% frente ao primeiro semestre de 2024.

No caso dos títulos de capitalização, a arrecadação R\$ 16,9 bilhões até junho de 2025, com crescimento nominal de 12,1% e real de 6,48% na comparação com 2024..

Fonte: Fenacor - 22/agosto/2025

Setor mantém rentabilidade e as indenizações ultrapassam R\$ 130 bi

O lucro líquido do setor de seguros entre janeiro e junho deste ano foi de R\$ 16,5 bilhões, 16% acima dos R\$ 14,2 bilhões registrados no mesmo período de 2024, segundo dados da Superintendência de Seguros Privados (Susep), organizados pela consultoria Siscorp. A arrecadação total da indústria somou R\$ 206 bilhões no primeiro semestre de 2025, um recuo de 1,67% sobre igual intervalo de 2024. O desempenho mais modesto da receita se deve, sobretudo, ao comportamento da previdência complementar aberta, que responde por cerca de 40% da arrecadação total (excluindo saúde).

Considerando apenas seguros, sem saúde e capitalização, o crescimento foi de 8%, com R\$ 106,9 bilhões em prêmios. “O setor cresce abaixo de dois dígitos, como nos últimos anos, mas ainda assim apresenta expansão real, considerando a inflação em torno de 5%. O lado positivo é a rentabilidade agregada das seguradoras, que tem se mantido entre 25% e 30%”, diz o economista Francisco Galiza, especialista em seguros. Já os títulos de capitalização somaram R\$ 16,8 bilhões até junho, com crescimento real de 6,48%.

Excluindo saúde suplementar, as seguradoras desembolsaram R\$ 131,3 bilhões em indenizações, resgates, benefícios e sorteios entre janeiro e junho de 2025. O volume representa um crescimento expressivo de 9,96% em relação ao mesmo período de 2024 e reforça o papel do seguro como instrumento de proteção financeira, patrimonial e da vida no país.

Já os planos de previdência, de janeiro a junho, arrecadaram R\$ 82,2 bilhões, com queda de 13,9%. No mesmo período, os resgates e benefícios somaram R\$ 77 bilhões, o que representou um aumento de 14,8%, refletindo maior cautela dos consumidores diante de um cenário macroeconômico ainda instável e do anúncio da tributação de 5% de IOF sobre aportes acima de R\$ 300 mil. Como resultado, a captação líquida recuou para R\$ 6,3 bilhões. “A previdência privada deveria ser incentivada, e não tributada”, afirma Dyogo Oliveira, presidente da Confederação Nacional das Seguradoras (CNseg). Diante disso, o cenário para 2025, antes com projeção de alta de 10% apoiada em diversificação de produtos, redução de custos e digitalização, passa por uma revisão.

Os demais ramos seguem em expansão. O seguro de vida cresceu 8,3% no primeiro semestre, com prêmios de R\$ 37 bilhões. O seguro de doenças graves é o destaque, com forte potencial de vendas. As receitas saltaram de R\$ 545 milhões em 2021 para R\$ 1 bilhão em maio de 2025. Trata-se de um crescimento médio de 20% ao ano. Até maio, as indenizações nesse ramo somaram cerca de R\$ 250 milhões.

Outras coberturas do segmento de vida também estão no radar das seguradoras. De acordo com o Ministério da Saúde, o Brasil registrou mais de 1 milhão de internações por causas externas entre janeiro e dezembro de 2024, incluindo acidentes de trânsito, quedas e acidentes de trabalho. A MetLife expandiu seu portfólio de vida individual, com soluções para cirurgias e invalidez acidental majorada, que ampliam indenizações e restabelecem o capital a cada ano. “Além dessas entregas, várias soluções inovadoras serão lançadas nos próximos meses”, afirma Jaime Neto, diretor de desenvolvimento de produtos e dados da MetLife Brasil.

O seguro automóvel segue como um dos mais relevantes em volume e penetração. No acumulado até junho, arrecadou R\$ 28,9 bilhões, uma alta de 5,9% em relação ao mesmo

período do ano anterior — desempenho alinhado à projeção da CNseg, que espera avanço de 5,8% em 2025. As indenizações pagas até maio somaram R\$ 14,4 bilhões, com um crescimento de 2,3% na comparação anual. O valor equivale a cerca de 192 mil carros populares, reforçando a importância do seguro automotivo como proteção patrimonial em um país onde o veículo é, muitas vezes, o segundo maior bem da população, atrás apenas do imóvel.

No acumulado do ano, o nicho patrimonial — com garantias como incêndio, por exemplo — somou R\$ 12,6 bilhões em prêmios, alta de 17,1% sobre os cinco primeiros meses de 2024, sendo responsável por 45% do crescimento do segmento de danos e responsabilidades. As indenizações desse grupo aumentaram 18,1%, alcançando quase R\$ 5 bilhões. A arrecadação dos seguros contra riscos financeiros ultrapassou R\$ 4 bilhões e um crescimento de 16% sobre igual período de 2024. O seguro garantia estendida registrou expansão de 8,9%, com R\$ 2 bilhões em prêmios no primeiro semestre. Há grande expectativa com sua utilização em projetos de infraestrutura previstos pelo governo.

Já o seguro rural enfrenta o pior momento em sete anos, impactado pelo congelamento de R\$ 445 milhões do orçamento federal — cerca de 42% da verba destinada à subvenção. Isso deve reduzir a área segurada para menos de 5 milhões de hectares em 2025, deixando produtores descobertos e sem acesso às apólices. Este ramo registrou queda de 1,8% nas vendas, totalizando R\$ 6,7 bilhões até junho. A previsão é de um ano ruim, considerando que o agronegócio ainda lida com juros altos, margens apertadas e a ameaça do La Niña.

Fonte: Valor Econômico - 29/agosto/2025

Transformação em curso

As seguradoras vivem um momento de inflexão. Pressionadas por um ambiente macroeconômico adverso, novas regulamentações, mudanças climáticas e riscos emergentes, como o cibernético, as companhias precisam repensar sua forma de operar, gerar receita e exercer seu papel em uma indústria em transformação. A busca por novos mercados, fusões e aquisições e o avanço da tecnologia se consolidaram como alicerces estratégicos para a próxima década.

A volatilidade política e econômica mundial coloca o Brasil no radar dos investidores. O país combina maior estabilidade em relação a outros emergentes e um enorme potencial de crescimento: o setor representa apenas 3% do PIB (sem planos de saúde), ante uma média de 8% em mercados como Reino Unido, Itália, França, Espanha e Alemanha. “O gap brasileiro de proteção é um convite à inovação e à ampliação da oferta de produtos”, avalia Dyogo Oliveira, presidente da Confederação Nacional das Seguradoras (CNseg).

As recentes mudanças exigidas pela Superintendência de Seguros Privados (Susep) — da Lei Complementar 213/2025, que regulamenta cooperativas e associações de proteção veicular, ao novo Marco Legal dos Seguros (Lei 15.040/2024), passando pela exigência de investimento mínimo em crédito de carbono e a adaptação ao open insurance — geraram turbulência para companhias de todos os portes. “A Susep atua para garantir que a transição ocorra com transparência, previsibilidade e diálogo”, afirma Alessandro Octaviani, superintendente da autarquia. Segundo ele, a fiscalização seguirá padrões prudenciais e de conduta já adotados, mas com a novidade de supervisionar as novas administradoras de operações mutualistas. “O objetivo é ampliar a concorrência, criar mais opções ao consumidor e preservar a estabilidade do mercado”, diz.

A complexidade regulatória também é sentida na operação. Para Gustavo Laença, diretor de seguros da Capgemini, a regulação figura entre os três maiores obstáculos à inovação, atrás apenas da dependência de sistemas legados e da dificuldade de integração entre as áreas. “A habilidade de priorizar projetos relevantes, mesmo diante da pressão regulatória, tem sido essencial para crescer em ambientes turbulentos.”

Com a digitalização acelerada, a inteligência artificial (IA) se consolidou como aliada estratégica: agiliza a subscrição, reduz prazos de emissão de apólices, melhora o atendimento via chatbots, acelera a regulação de sinistros, combate fraudes e personaliza produtos. O ciber e o clima, por sua vez, são riscos que representam tanto ameaças quanto oportunidades. Algumas seguradoras criam áreas dedicadas para mitigá-los; outras preferem a prudência.

“As mudanças climáticas e regulatórias, a transformação do perfil do consumidor e o avanço acelerado da tecnologia moldam uma nova realidade para o mercado. A capacidade de entregar valor tangível e de se posicionar como parceiro estratégico será decisiva para determinar quem liderará a próxima fase de crescimento do setor no Brasil”, afirma Ivan Gontijo, presidente do grupo Bradesco Seguros.

Segundo Gontijo, a estratégia do grupo combina inovação, regionalização, eficiência e educação para a cultura do seguro. “O crescimento não está atrelado apenas ao desempenho financeiro, mas à relevância das soluções na vida das pessoas. Em 2025, reforçamos nosso posicionamento ao manter investimentos robustos em tecnologia, ampliar parcerias estratégicas e intensificar a presença em regiões fora dos grandes centros, com produtos e serviços mais adaptados à realidade de cada local.”

Para Jose Adalberto Ferrara, presidente da Tokio Marine, o mercado tem evoluído de forma contínua para atender novas demandas. “Investimos, anualmente, cerca de R\$ 140 milhões em tecnologia e transformação digital. Nossa estratégia de crescimento está centrada na adaptação inteligente ao cenário regulatório e climático, na diversificação do portfólio, na digitalização e na sustentabilidade. Esse conjunto de ações nos permitirá enfrentar os desafios, mas também explorar novas oportunidades”, ressalta Ferrara.

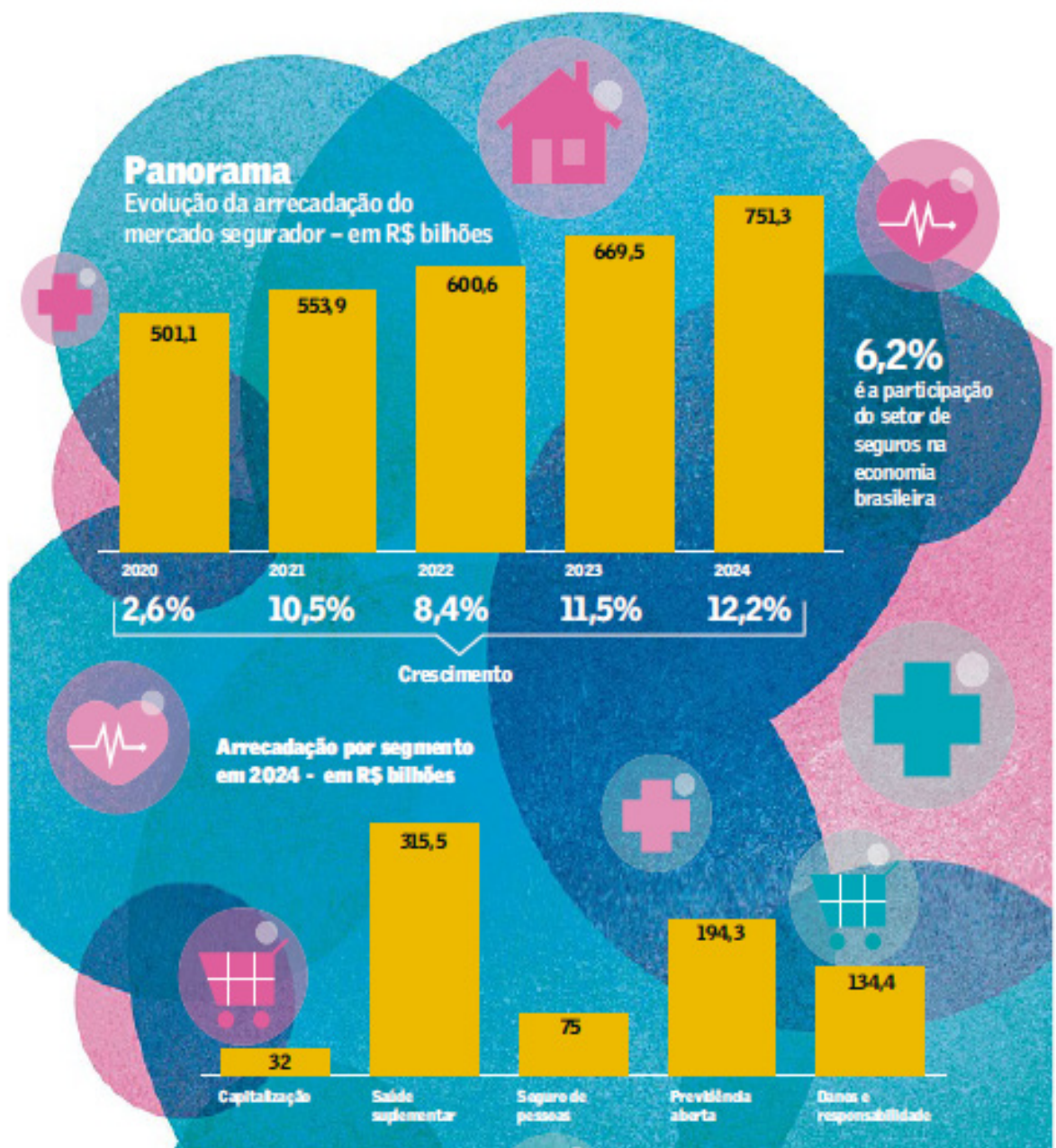
A diversificação também é a aposta da Porto Seguro para reduzir a dependência de automóveis, ramo no qual é líder absoluta de mercado, e ampliar atuação em banco, consórcios, serviços e saúde. “Mais do que falar de produtos, usamos os encontros regionais para entender a realidade local e criar soluções assertivas”, afirma Luiz Arruda, vice-presidente comercial e marketing do grupo.

No Itaú Unibanco, o modelo de bancassurance é o ponto alto da estratégia. “Dobramos nosso resultado em quatro anos, atuando com produtos próprios e de seguradoras parceiras, sempre em plataforma aberta, tanto para produtos de varejo como para empresas”, relata Eduardo Domeque, diretor de seguros. “No momento, optamos por não distribuir seguros através de corretores independentes. Nossa estratégia engloba a atuação consultiva dos especialistas na gestão de risco dos clientes, bem como a oferta contextualizada de seguros.”

A MAG Seguros mira na diversificação de canais, incluindo corretores, cooperativas e plataformas digitais, informa o CEO, Helder Molina. A empresa investe na capacitação de corretores e em estratégias para ampliar a cultura do seguro de vida, ainda pouco difundida no país. Estimativas de mercado apontam que apenas 10% dos brasileiros possuem um seguro de vida. “Nosso papel, enquanto especialistas financeiros, é dar luz a essa necessidade que foi potencializada pós-pandemia. Investimos no treinamento de 500 a 1.000 corretores bianualmente e em estratégias para tornar a contratação do seguro de vida individual mais acessível e benéfica ao consumidor”, afirma Molina.

Patricia Freitas, CEO da Prudential do Brasil, acrescenta que “o seguro de vida é um instrumento de planejamento financeiro para proteger a sucessão das empresas e a continuidade das famílias. “Essa conscientização é fundamental”, diz. Atualmente, a aposta da seguradora é na rede franqueada, com mais de 2.000 unidades, ao mesmo tempo em que investe em parcerias, como com o Mercado Pago e XP, e com corretores de seguros. “O foco na centralidade no cliente é o que nos permitirá mais 150 anos de Prudential no mundo e no Brasil.”

Fonte: Valor Econômico - 29/agosto/2025

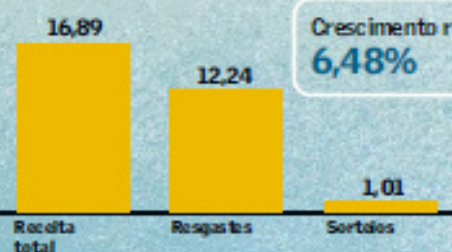


Fonte: Valor Econômico - 29/agosto/2025

Valores de prêmios acumulados no ano até junho de 2025

	Prêmio em R\$ bilhões	Crescimento real em %
Seguro de danos e responsabilidades		
Auto	28,9	0,73
Rural	6,17	-6,56
Compreensivo	6,00	7,29
Riscos especiais-patrimonial	5,77	9,19
Financeiros	4,07	10,36
Habitacional	3,91	7,28
Patrimoniais-outras	3,51	15,43
Transporte	3,35	7,26
Responsabilidade civil	2,14	-3,70
Garantia estendida	2,01	3,62
Riscos especiais-energia	1,18	-25,36
Marítimos e aeronáuticos	0,99	11,54
Fiança locatícia	0,95	8,88
Microseguros	0,88	3,18
Seguro de pessoas		
Vida	18,1	5,32
Prestamista	10,4	0,28
Acidentes pessoais	4,72	-0,27
Pessoas-outras	3,28	3,73
Viagem	0,49	7,54

Capitalização - em R\$ bilhões



Fonte: Susep

D.K.

Fonte: Valor Econômico - 29/agosto/2025

Volatilidade desafia a indústria de resseguros

A indústria de resseguros no Brasil passa por uma transformação que envolve a busca por produtividade, revisão da gestão de riscos, o avanço tecnológico e a abertura de novas fontes de capital. Esse cenário reflete tanto a demanda do setor por maior solidez quanto os desafios de adaptação a um ambiente global volátil.

Ao contrário do mercado de seguros, o segmento de resseguros opera com dinâmicas próprias, moldadas por tendências internas e externas. A cautela com relação aos países é influenciada por incertezas econômicas, pressões regulatórias e pela excessiva dependência da receita de investimentos para impulsionar a lucratividade.

No primeiro trimestre, as seguradoras contrataram cerca de R\$ 7,1 bilhões em resseguros, um aumento de 13,8% em comparação com o mesmo período de 2024. A rentabilidade do segmento tem se beneficiado dos retornos sobre os investimentos, o que tem gerado resultados positivos, como o lucro do IRB(Re), de R\$ 143,6 milhões no segundo trimestre de 2025.

Além disso, 2025 é visto como um ano de transformação do mercado. “A transição é impulsionada pela tecnologia, novas regulamentações e a própria demanda dos clientes por soluções mais personalizadas e ágeis”, diz Gesner Oliveira, professor e pesquisador do Instituto de Inovação de Seguros e Resseguros da FGV.

Para enfrentar eventos extremos e a volatilidade econômica e geopolítica, as empresas de resseguros estão focadas em fortalecer suas reservas e revisar os modelos de subscrição. “Há equilíbrio entre inovação e disciplina técnica, que garante eficiência operacional sem abrir mão da solidez financeira, essencial em um cenário de riscos cada vez mais complexos”, diz Maria Fernanda Pastorello, sócia da Pellegrina & Monteiro Advogados.

Estudo da Revision [Re]search, patrocinado pela Associação Brasileira das Empresas de Corretagem de Resseguros (Abecor), mostra que o volume de resseguros apresentou comportamento peculiar nos últimos cinco anos. O Brasil perdeu força na exportação e reduziu a produção interna, o que gerou maior dependência na importação de resseguro.

A verticalização com a operação de seguradoras e resseguradoras do mesmo grupo consolida-se como estratégia e, apesar dos benefícios, levanta questionamentos sobre concorrência com grupos brasileiros, diversificação de riscos e os impactos na poupança interna. “Quando uma fatia significativa do prêmio vai para empresas estrangeiras do mesmo grupo, temos a saída de recursos que poderiam ser reinvestidos no país, reduzindo a capacidade de enfrentar grandes sinistros com capital doméstico”, afirma Pastorello.

Para estimular a retenção de riscos no Brasil, a advogada defende o equilíbrio entre preservar a competitividade internacional e criar incentivos para que o capital permaneça e seja reinvestido aqui. Entre as medidas, ela menciona ajustes regulatórios e mais transparência nas operações intragrupo. “Verticalizar é um instrumento legítimo de gestão, mas sua expansão deve vir acompanhada de estratégias para fortalecer a poupança interna e a resiliência do mercado.”

Segundo Oliveira, “a busca por aumentar a retenção local de riscos é importante, mas não pode comprometer a estabilidade do sistema em face de eventos extremos”. Outro ponto é a importância da diversificação, considerando que, se grande parcela dos riscos ficar concentrada em um único grupo, pode aumentar a exposição a perdas catastróficas.

Mercado alavanca resultados dos bancos

Os grandes bancos brasileiros há muito identificaram a capacidade de o setor de seguros alavancar seus resultados operacionais e financeiros. A partir de seus balcões, a via primária de atração de clientes, tais instituições investiram em tecnologia e em inovação de produtos e serviços e, atualmente, despontam entre os mais competitivos figurantes dos rankings elaborados pela Superintendência de Seguros Privados (Susep).

Os resultados mais recentes dos bancos evidenciam, em si, a relevância da atuação no mercado de seguros. Com base nos resultados financeiros do Banco do Brasil no segundo trimestre, constatou-se a contribuição de quase 40% no lucro líquido da BB Seguros para sua instituição-mãe, segundo André Haui, CEO da seguradora. Neste período, o lucro líquido da BB Seguros disparou 19,7%.

O setor de seguros também tem se mostrado uma força importante nos resultados financeiros do Itaú Unibanco. Segundo Eduardo Domeque, diretor de seguros do banco, o Itaú Seguros registrou um lucro líquido recorrente que representou 10,8% do resultado total do Itaú Unibanco. No acumulado do semestre, o resultado alcançou R\$ 2,3 bilhões, um crescimento de 20,1% em relação a igual período de 2024.

“Os resultados do segundo trimestre foram alavancados por um aumento mais expressivo no prêmio de ganhos dos seguros de vida e prestamista”, explica Domeque. “A atuação do Itaú Seguros fortaleceu-se com a diversificação e a reformulação de produtos, com o investimento em autosserviço e em uma consultoria focada no interesse do cliente”, completa.

Embora não tenha apresentado um percentual, Ivan Gontijo, presidente do Bradesco Seguros, afirma que esse braço desempenhou um papel relevante para a instituição. No segundo trimestre, o lucro líquido da seguradora expandiu-se em 4,4% diante dos dados de igual período de 2024. “A manutenção do retorno sobre o patrimônio líquido médio acima do patamar de 20% por vários períodos reflete a solidez, a rentabilidade e a capacidade de crescimento orgânico da nossa operação”, sustenta Gontijo.

O quadro não é diferente em outros gigantes do sistema bancário brasileiro. De janeiro a abril deste ano, no segmento de danos e de pessoas, o Bradesco e o Itaú Seguros estiveram entre os dez maiores concorrentes em prêmios, segundo a Susep. No ramo de previdência privada VGBL, as cinco primeiras posições no ranking da Susep apontaram, por ordem, BrasilPrev (do Banco do Brasil), Bradesco Vida, Caixa Vida, Itaú Vida e Santander Zurich.

A rigor, segundo a Susep, a previdência privada PGBL e a capitalização não são produtos de seguros, por suas características ou razões tributárias. Ainda assim, as seguradoras dos bancos estão entre as dez maiores nesses segmentos.

“Há certa dominância histórica dos bancos no mercado de seguros. Primeiro, porque essas instituições controlam informações financeiras de seus clientes e integram seus produtos de seguro aos financeiros”, explica Júlia Normande Lins, diretora de infraestrutura de mercado e supervisão de conduta da Susep. “Segundo, porque o cliente confia no banco com quem trabalha há anos ou décadas”, completa.

Apesar da dominância, não há sinais de concentração dos bancos nos diferentes segmentos do mercado de seguros, segundo Alexandre Leal, diretor técnico de estudos e relações regulatórias da Confederação Nacional das Seguradoras (CNSeg). A concorrência, entretanto, é aguerrida. Em especial, pelos espaços ainda não cativados pelo setor.

De acordo com Haui, o mercado de seguros corresponde a 10% do PIB (Produto Interno Bruto) dos Estados Unidos, de cerca de US\$ 27 trilhões. No Brasil, essa fatia é de 6% de um PIB de US\$ 1,7 trilhão. “A concorrência é um fator saudável em um mercado grande como este e com tamanha oportunidade de expansão. Há muita disputa, mas de maneira limpa. Somos colegas”, afirma.

Cada seguradora de banco avança não somente no conforto dos balcões — uma vantagem comparativa — para captar clientes, como também em plataformas digitais e em aplicativos, que cada vez mais absorvem os benefícios da inteligência artificial, especialmente na oferta de produtos personalizados para pessoas físicas e empresas, com serviços assistenciais acoplados.

“Vender seguro fora da agência bancária é o desafio no mercado brasileiro”, avalia Denis Ferro Junior, responsável por seguros e assistência do Santander. “Mas o seguro não pode mais se resumir ao potencial sinistro. Se não tiver valor agregado, em especial na oferta gratuita de serviços, o cliente cancela o contrato.”

Tal lógica não é diferente da que orienta os negócios dos demais atores desse mercado. Porém, um dos meios das seguradoras dos bancos atraírem novos clientes, de forma indireta, tem sido o open finance (antigo open banking). Nesse ambiente, seus concorrentes independentes não têm acesso.

Ao final de uma operação no open finance, nada impede que a seguradora do banco escolhido ofereça ao cliente um produto relativo. Se for fechado um financiamento de compra de apartamento, por exemplo, uma proposta de seguro residencial tende a vir em seguida. Ou seja, o open finance tem funcionado como uma potencial extensão do balcão do banco.

Em certa medida, o open insurance (OPIN) tenderá a mexer nessa relação carnal entre os bancos e suas seguradoras quando entrar em pleno funcionamento, na avaliação de Lins. Nesse mecanismo, as informações compartilhadas pelo consumidor alcançarão quase todo o universo de empresas de seguros e de corretores atuantes no país. Porém, ainda não há horizonte para o início das operações pelo Opin. “O Opin romperá a informação exclusiva e permitirá a toda seguradora as condições de formular uma proposta personalizada e mais favorável”, diz Lins.

Fonte: Valor Econômico - 29/agosto/2025

Aquece o mercado de corretoras no Brasil

O crescimento orgânico das corretoras de seguros tende a perder fôlego diante da desaceleração do PIB e da queda nos preços comerciais de seguros patrimoniais internacionalmente. Nesse cenário, as fusões e aquisições despontam como estratégia-chave para sustentar receitas e gerar valor aos acionistas, especialmente corretoras apoiadas por private equity. Apesar das incertezas políticas e econômicas, o setor se mantém atrativo por ser subpenetrado, com oportunidades em infraestrutura, turismo, portos, aeroportos e energia renovável, segundo os CEOs de grupos mais bem posicionados para liderar a consolidação.

Paula Lopes, presidente da Marsh Brasil, vê a concorrência das médias como estímulo à inovação e aponta 2026 como um ano de expansão tecnológica e seletiva em fusões e aquisições diante de um gap de proteção de seguros superior a 90% no país. Presente em 130 países e líder global há 15 anos, a Marsh completa 70 anos de atuação no Brasil em 2025. A empresa registrou crescimento de dois dígitos no primeiro semestre, impulsionado por soluções customizadas e consultoria de risco em mais de 35 práticas e especialidades.

Lopes informa que a estratégia regional inclui ampliar a presença em mercados estratégicos, investir em tecnologia — como a plataforma de IA Sentrisk para gestão de riscos de cadeia de suprimentos — e lançar produtos em áreas como cibersegurança, riscos climáticos, garantias e saúde para pequenas e médias empresas (PMEs).

A Gallagher combina contratações de especialistas e aquisições para diversificar o portfólio e expandir a presença. No Brasil, já incorporou o Grupo Interbrok e o Grupo Case, ampliando capilaridade em benefícios e saúde. “O Brasil é pilar na estratégia latino-americana e nosso crescimento orgânico de 30% ao ano fortalece o atendimento a clientes globais e regionais”, afirma Luiz Araripe, gerente nacional. Segundo ele, a meta é “posicionar o país como hub para atender setores como agronegócio, mineração, transporte e garantia”.

Para Eduardo Takahashi, CEO da WTW Brasil, o mercado regional oferece oportunidades em nichos especializados, como agronegócio, infraestrutura, energia, aviação e PMEs. A empresa adota avaliação criteriosa para aquisições e mantém o Willis Network, uma rede de corretores parceiros com suporte operacional e tecnológico. O foco é aliar expansão seletiva a investimentos em tecnologia, capital humano e inteligência de dados, mantendo crescimento orgânico de dois dígitos — 52% acumulados nos últimos três anos.

Com 15 aquisições em sete anos, a MDS mescla crescimento orgânico e inorgânico. “Temos flexibilidade para adquirir empresas, canais de distribuição ou carteiras de clientes, avaliando especialização, presença geográfica e serviços complementares”, diz Ariel Couto, CEO da MDS Brasil. Ele destaca que a compra da D’Or Consultoria dobrou a carteira de prêmios para R\$ 10 bilhões. “As aquisições ajudam a fortalecer a cultura do seguro no país e nossa posição como consultoria especializada”, afirma.

A It’sSeg, que passou em agosto deste ano a ser Acrisure Brasil, é um exemplo de avanço dos fundos de private equity. A mudança de marca pontua a integração definitiva da operação brasileira à estratégia global da fintech americana — que desembarcou no país em 2022 com a compra da It’sSeg. “Entramos em uma nova fase de expansão, ampliando portfólio e buscando aquisições seletivas com base em geografia e especialização”, diz Thomaz Menezes, CEO da Acrisure Brasil e head da América Latina. O próximo grande passo da Acrisure é o IPO global.

A Alper Seguros contabiliza 24 aquisições de corretoras nos últimos oito anos. Sob o comando de Marcos Couto, a companhia tem uma estratégia agressiva de crescimento, impulsionada pelo fundo de private equity Warburg Pincus, com planos de investir cerca de R\$ 400 milhões em novas aquisições durante 2025, visando a consolidação de oito a dez empresas. “Vamos seguir investindo agressivamente em aquisições para consolidar nossa liderança no mercado, ao mesmo tempo em que fortalecemos nosso crescimento orgânico, com foco na excelência e inovação.”

Fora do grupo das corretoras internacionais e das impulsionadas por fundos de private equity, há também movimentação entre as mais de 120 mil corretoras brasileiras. Partesetor-naalvodeinvestidores; outras aderem ao modelo de MGA, corretora que recebe autoridade delegada de uma seguradora para subscrever riscos, emitir apólices, gerir renovações e até liquidar sinistros, sem que o processo precise passar diretamente pela seguradora. Já parte das pequenas aderem às assessorias, que prestam suporte comercial, técnico e administrativo para ampliar vendas e operar de forma mais eficiente.

Fonte: Valor Econômico - 29/agosto/2025

Cultura e esporte se tornam vitrines para seguradoras

É comum uma pessoa só lembrar do seu seguro (ou da falta dele) se o carro bate, uma doença aparece ou mesmo quando alguém morre. Trata-se, além disso, de um produto que não se ostenta nas redes sociais como motos, joias e tênis de marca. São características que podem levar as seguradoras à invisibilidade ou, pior ainda, à associação com péssimos momentos. Uma maneira de virar esse jogo é estar presente em situações de beleza, prazer e euforia.

Desde 2007, o Bradesco Seguros mantém o programa “Circuito Cultural”, em que patrocina a montagem de peças de teatro, exposições, musicais e também a edição de livros. Os eventos percorrem várias cidades e destacam-se peças com atores renomados como “O que só sabemos juntos”, com Tony Ramos e Denise Fraga, em cartaz até novembro. “Estudamos muito a temática e o tom. Buscamos reforçar valores como família, sustentabilidade, longevidade e planejamento”, diz Alexandre Nogueira, diretor de marketing.

Outra estratégia que vem se tornando comum é a aquisição de naming rights, que abdica da itinerância das turnês e foca em se fixar em um único lugar. Desde 2020 a casa de shows no bairro de Santo Amaro, em São Paulo, que já foi chamada de Tom Brasil e HSBC Brasil, se chama Tokio Marine Hall. O lugar abrigou a temporada dos cantores Chico Buarque e Ney Matogrosso e terá nesse ano shows de Roberto Carlos e Maria Bethânia.

O custo de batizar o espaço se revelou um bom negócio para a Tokio Marine. A empresa não abre números, mas diz que cada real investido nisso equivale a uma exposição de marca que custaria dez vezes mais nas mídias tradicionais de publicidade, como rádio, TV, jornal e digital. “É uma casa voltada ao público consumidor de mais de 25 anos, das classes A e B, é um fit muito grande com a gente”, diz Flávio Otsuka, diretor de estratégia de crescimento e marketing.

No espaço esportivo, o exemplo mais conhecido dessa estratégia foi a mudança do nome do estádio do time de futebol paulistano Palmeiras, popularmente conhecido como Parque Antártica, para Allianz Parque. Em 2024, a arena sediou 30 jogos e 47 shows, incluindo a apresentação do ex-Beatle Paul McCartney.

“Quase todos os dias tem algum evento que patrocinamos, como festas de São João no Nordeste e o Porto Blue Sound no Sul, isso fortalece os atributos de confiabilidade e segurança da marca”, diz Luiz Arruda, vice-presidente de comercial e marketing da Porto. A empresa conta com um teatro em sua sede, em São Paulo, mas não planeja seguir o caminho dos naming rights.

A marca Unimed é conhecida no país por seus planos de saúde com forte apelo regional. São mais de 350 singulares da cooperativa, muitas das quais patrocinam times de futebol locais. Isso trouxe um desafio para Unimed Seguros, braço do grupo que, além de planos de saúde, vende seguro residencial, odontológico, de vida e de responsabilidade civil. “Precisávamos que as pessoas entendessem que oferecemos vários outros produtos”, diz o diretor Elias Leite

A solução foi estar presente em salas de cinema, patrocinando os trailers de segurança obrigatórios que aparecem antes dos filmes. De novembro de 2022 até junho desse ano os vídeos que mencionam a Unimed Seguros já foram assistidos 239 milhões de vezes, em 132

idades, num total 2.146 salas, todas elas seguradas pela empresa. Além disso, a seguradora patrocina a equipe feminina de vôlei do paulistano Esporte Clube Pinheiros e ambos os times do Brasília Vôlei, da capital federal.

Os pilotos Átila Abreu, de Stock Car, e Gabriel Bortoleto, de Fórmula 1, contam com o patrocínio da Metlife e da Porto, respectivamente. “É um projeto que circula por várias regiões do país e conecta nossa marca a momentos de emoção e superação, diz Denise Coelho, diretora de marca da Metlife, que também apoia o festival de música C6 Fest e a casa de show Vibra São Paulo, antiga Credicard Hall.

Fonte: Valor Econômico - 29/agosto/2025

Potencial das favelas cria novo nicho para o setor

As soluções voltadas ao público de alta vulnerabilidade ganham força no segmento de microsseguros. Trata-se de um mercado com potencial demanda. A população de favelas no Brasil, segundo o Censo de 2022, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aumentou 43,5% entre 2010 e 2022. Chegou a 16,4 milhões de pessoas e mais de 900 mil estabelecimentos, como oficinas mecânicas, bancos, farmácias, escritórios, lojas, bares, entre outros. Na mesma linha, um levantamento do Instituto Data Favela, de julho, mostrou que moradores das comunidades consomem mais do que os habitantes de 22 Estados do país e geram um movimento financeiro acima de R\$ 300 bilhões por ano.

A possibilidade de aliar impacto social e lucratividade em escala levou as empresas a investir nos chamados seguros inclusivos. Pesquisa recente da Confederação Nacional de Seguradoras (CNSeg) constatou que 61% das suas associadas já dispõem de produtos para clientes de baixa renda. São contratos com coberturas simplificadas e prêmios reduzidos, voltados para proteção em casos de saúde, desastres naturais e amparo a pequenos empreendedores.

A MAG Seguros criou o projeto “Favela Seguros”, a partir de uma iniciativa da Favela Holding — conjunto de empresas que tem como objetivo central o desenvolvimento de favelas e de seus moradores — e apoio social da Central Única das Favelas (Cufa). Lançado em 2024, o projeto começou como piloto em quatro favelas do Rio de Janeiro e de São Paulo. Neste segundo semestre, vai expandir para dez locais. O principal produto, que responde por 75% das vendas, é o “Família Protegida”, com cobertura por morte de R\$ 50 mil, cartão alimentação mensal por um ano, atendimento de telemedicina, auxílio-funeral e sorteios semanais. O tíquete médio custa R\$ 42 ao mês.

“O propósito não é apenas vender apólices ou fazer assistencialismo. É gerar renda para os moradores, que vão compor a força de vendas”, conta Leonardo Lourenço, diretor estatutário de marketing, comercial, tecnologia e operações do Grupo MAG. Ele destaca que, “além de desenvolver os produtos, a empresa disponibiliza as ferramentas para a formação dos representantes e a Cufa entra com vivências nas favelas para identificar as pessoas indicadas para o trabalho”. Até o fim do ano, a MAG planeja lançar mais dois produtos para esse nicho, um com foco em saúde e outro para pequenos negócios.

A Mapfre Seguros criou o “Mapfre na Favela”, com participação direta da comunidade desde a concepção até a operação de vendas. O projeto começou com um piloto na favela de Paraisópolis, em São Paulo, em 2023. Até dezembro, a empresa estima atender mais quatro comunidades, se estendendo ao Distrito Federal e aos Estados de Minas Gerais e Pernambuco.

Fátima Lima, diretora de sustentabilidade da Mapfre, explica que os produtos foram desenvolvidos dentro da estratégia de questões ambientais, sociais e de governança (ESG, na sigla em inglês), por meio de um processo com ampla escuta ativa da população, rodas de conversa e testes de conceito. “Aprendemos que os moradores não querem indenização em dinheiro. Eles preferem seus bens de volta, para poder recomeçar”, diz. O Mapfre na Favela oferece três tipos de seguros. O “Minha Vida”, com tíquete médio de R\$ 42 anuais, inclui consultas médicas on-line, descontos em farmácia e auxílio-funeral. O “Meu Trampo”, que pode ser contratado apenas com o CPF, cobre sinistros no local de trabalho dentro da favela e ocorrências de lucro cessante. O “Meu Bem Protegido” é para equipamentos de trabalho que sofreram avarias.

Segmento de autos apresenta expansão vigorosa

Há bem poucos anos, a Tokio Marine levava até dois dias para decidir a perda total de um veículo. Hoje, isso é feito em minutos. “O tempo de o cliente fotografar, enviar as fotos e nosso software analisar”, conta Marcelo Goldman, diretor-executivo de Produtos Massificados da seguradora.

Graças às fotos do cliente e softwares de análise, a Bradesco Auto/RE reduziu em até dez dias o tempo para um veículo de carga receber a indenização. “Às vezes, a foto do painel mostra alguma luz acesa que nos chama a atenção, pode apontar algum acidente não reportado. Isso agiliza a análise do sinistro”, explica Saint Clair Pereira Lima, diretor Técnico e de Produtos da Bradesco Auto/RE.

A inteligência artificial (IA) e novas tecnologias estão revolucionando o seguro auto, um mercado que cresceu 5,9% de janeiro a maio de 2025, arrecadando R\$ 24 bilhões e pagando R\$ 14,4 bilhões em indenizações. A inovação está por trás do desempenho das seguradoras líderes do setor, Porto Seguro, Tokio Marine, Allianz, Bradesco, Yelum e Hdi, contribuindo para um crescimento da arrecadação anual na casa dos dois dígitos.

“Hoje o cliente faz até vistoria prévia pelo aplicativo da seguradora. Não precisa falar com ninguém, nem levar o veículo a um posto autorizado”, conta Keila Farias, vice-presidente da Comissão de Automóvel da Federação Nacional de Seguros Gerais (Fensseg).

O uso da informática se acentuou com a pandemia, segundo Keila, coincidindo com o aumento muito rápido de novos sistemas embarcados. “A IA está em tudo: no relacionamento diário com corretores e clientes, nas operações internas e nos veículos.”

Na Porto Seguro, líder do mercado, softwares reconhecem, nas fotos, os danos do veículo. “A análise ficou muito mais ágil. Cerca de 75% nossos sinistros já têm algum tipo de inteligência artificial apoiando meu time. A IA é quase um copiloto para nossos analistas”, relata Patrícia Chacon, diretora de Operações da Porto Seguro.

Keila Farias conta que as tecnologias embarcadas dão às seguradoras a possibilidade de acompanhar em tempo real o comportamento dos motoristas – o que permitiria premiar, com descontos de 5% a 10%, aqueles que representam menos risco. Porém, persiste um problema. “A maioria não autoriza o monitoramento remoto, com medo de perder privacidade. Precisamos criar uma cultura de confiança.”

As seguradoras aplaudem os Sistemas Avançados de Assistência ao Condutor (Adas, na sigla em inglês) que reduzem o risco de acidentes. Porém, não conseguem dar um desconto para seu uso, porque os veículos com Adas têm peças de maior valor, encarecendo a assistência. Os elétricos são um desafio ainda maior. A mecânica é diferente e as peças ainda não estão facilmente disponíveis. Até o guincho precisa ser treinado para socorrer um veículo elétrico. “É preciso uma rede de oficinas e de assistência 24 horas capacitadas para atender veículos elétricos”, conta Fábio Morita, diretorexecutivo de Automóvel, Massificados e Vida da Allianz Seguros. Uma característica do seguro auto é que ele lida com uma quantidade enorme de variáveis. Em consequência, o tradicional questionário para orçar o seguro está maior a cada ano. E os corretores têm que cotar em várias seguradoras, cada uma com seu modelo.

Por isso, consolidou-se um novo negócio — as plataformas de multicálculos on-line, que funcionam de forma similar aos aplicativos que buscam hotéis mais baratos: o corretor coloca os dados e a plataforma aponta o orçamento mais adequado entre várias seguradoras.

Fernando Rodrigues, diretor executivo da unidade de Seguros da Dimensa, que oferece a Quiver, uma das plataformas mais populares, estima que 70% dos corretores usam essa tecnologia. “Já temos 22 mil corretores de todo o país em nossa base e estamos crescendo de 16% a 20% a cada ano.”

Para entrantes, o uso da tecnologia é obrigatório. A plataforma da Provion Seguros — que chega em setembro com foco nas classes C, D e E — foi toda concebida com base na IA. “Nosso cliente fará tudo por um aplicativo 100% interativo. Queremos fechar 50 mil placas até dezembro”, conta Sérgio Leite, presidente da Provion Seguros.

Em perspectiva

Números do seguro auto no Brasil

R\$ 57,6 bilhões

foi a arrecadação em 2024,
um crescimento de 63,2% em
quatro anos

16%

é a média anual de
aumento das indenizações
pagas desde 2021

13,7%

é a participação do
segmento na arrecadação
total do mercado segurador

R\$ 33,6 bilhões

foi o valor das indenizações
pagas em 2024

87%

da arrecadação vem de sete empresas:
Porto Seguro, Tokio Marine, Allianz Seguros,
Bradesco Auto, Yelum, Hdi e Mapfre

Fonte: Susep e GNSeg

Fonte: Valor Econômico - 29/agosto/2025

Lucro da seguradora Tokio Marine avança 14% no semestre, para R\$ 792 milhões

A Tokio Marine Seguradora registrou lucro líquido de R\$ 792 milhões no primeiro semestre de 2025, 14% acima dos R\$ 695 milhões do mesmo período de 2024, e alcançou um faturamento de R\$ 7 bilhões, crescimento de 9% em relação ao mesmo período do ano passado. As indenizações pagas no período somaram R\$ 3,8 bilhões. “Mesmo em um cenário competitivo e desafiador, conseguimos avançar com consistência em nossas frentes estratégicas e temos a ambição de encerrar 2025 com lucro líquido na casa dos dois dígitos como temos registrado nos últimos anos”, comentou afirmou Daniel Dibe, diretor executivo de Finanças e Administração da Tokio Marine, em entrevista exclusiva. Em 2024 completo, a companhia lucrou R\$ 1,4 bilhão.

Com um índice combinado de 89,8%, a companhia manteve uma performance operacional sólida, sustentada por ganhos de eficiência e uma gestão técnica rigorosa de seus riscos. “Nosso resultado reflete o amadurecimento do modelo de negócio, apoiado em inovação, diversidade de portfólio e excelência no atendimento aos parceiros e clientes. O índice combinado mostra que crescemos com sustentabilidade, graças também a não ocorrência de eventos catastróficos, como foi o do Rio Grande de Sul em 2024. Ter um índice de sinistralidade menor contribui para ter uma rentabilidade melhor. O índice de sinistralidade no primeiro semestre de 50,7%, foi uma melhora significativa diante dos 54,9% registrado no fechamento do ano de 2024”, explica.

A Tokio Marine manteve sua posição como terceira maior seguradora do país no segmento de automóveis, com crescimento de 7,9% nos prêmios emitidos, mesmo em um semestre marcado por forte concorrência. A Tokio é superada apenas pela Porto Seguro e HDI, que conquistou a posição com a aquisição da Liberty, consolidada em 2024. “Percebemos nossos competidores crescendo, mas mantemos nosso market share”, acrescentou.

Produtos de nicho também ganharam tração. O seguro para condomínios teve crescimento expressivo de 57,5%, enquanto o Fiança Locatícia cresceu 36,1%, impulsionado por melhorias tecnológicas, como a implementação de biometria facial no processo de contratação. Já o seguro residencial avançou 12,5%. “O desempenho da carteira de massificados comprova a assertividade da nossa estratégia de diversificação, com produtos bem estruturados e foco na experiência do cliente. Buscamos entregar inovação com segurança e simplicidade”, avaliou Dibe.

Na carteira de seguros de pessoas, o crescimento foi de 14,8% no segmento individual, com destaque para os produtos Viagem (+41,6%), Vida Individual (+14%) e Funeral+ (+22,6%). No segmento coletivo, o crescimento foi de 8,5%. Entre as inovações, o Simulador Capital Sob Medida passou a apoiar corretores e clientes na definição do valor ideal de capital segurado, respeitando a privacidade dos dados informados. “Trata-se de uma solução que fortalece o papel consultivo do corretor e permite uma proteção mais adequada à realidade de cada cliente”, disse Dibe.

No segmento de seguros corporativos, a Tokio Marine consolidou-se como a segunda maior do mercado, com forte avanço em nichos como Transporte Nacional (+117,7%), Riscos de Engenharia (+50%) e Garantia para o setor público (+31%). Uma das inovações do semestre foi o lançamento do seguro M&A (fusões e aquisições), em parceria com a HCC,

também do Grupo Tokio Marine. A cobertura atende riscos associados a declarações e garantias contratuais durante processos de compra e venda de empresas. “A complexidade do ambiente de negócios demanda soluções técnicas e personalizadas. Nosso objetivo é ser um parceiro estratégico das empresas brasileiras, apoiando-as na mitigação de riscos e na geração de valor”, afirmou Dibe.

Desafios para o segundo semestre

A companhia, que completa 66 anos de presença no Brasil, segue comprometida com a expansão de sua atuação no país. Até 2026, o plano estratégico “Tokio Transforma” seguirá guiando os investimentos em crescimento sustentável, inovação, produtividade e práticas ESG. “Nosso foco é continuar entregando valor ao mercado brasileiro com soluções completas, sustentáveis e cada vez mais conectadas com as necessidades da sociedade”, destacou o executivo.

Para o segundo semestre, Dibe antecipa um ambiente ainda mais competitivo, o que exigirá disciplina nas despesas e atenção à eficiência operacional. “Temos uma Despesa Administrativa em torno de 8%, o que consideramos um patamar saudável e com margem de manobra. A expectativa é que a concorrência aumente, mas estamos preparados para manter nossa competitividade com equilíbrio técnico e gestão eficiente”, afirmou.

O executivo também observa com cautela o impacto do chamado “tarifaço” sobre o setor, especialmente nos ramos de transporte internacional. “Esse segmento é muito sensível aos preços das commodities. Caso não haja novas alterações tributárias, ainda haverá um período de ajuste, e isso poderá impactar temporariamente o desempenho até que novos mercados sejam explorados. Por enquanto, é preciso observar os reais efeitos dessas medidas”, analisou.

Outro ponto de atenção é o IOF sobre a compra de resseguros internacionais, que passou de 3,39% para 3,5% no primeiro semestre. Segundo Dibe, esse aumento tem impacto mais relevante para produtos de acumulação, como o VGBL, tornando a operação mais cara, mas o grupo não atua nestes produtos. “Nos resseguros, o efeito é mais limitado. As compras locais permanecem, e seguimos atentos ao cenário regulatório”, explicou.

A Tokio também já se prepara para a entrada em vigor do novo marco legal dos seguros, que começa a valer em dezembro de 2025. “Nos produtos massificados, já ajustamos praticamente toda a nossa operação. O desafio agora está em grandes riscos, onde há necessidade de readequar cláusulas contratuais e processos, especialmente no relacionamento com reguladoras de sinistros e resseguradoras. Estamos trabalhando para estar 100% aderentes até dezembro”, afirmou Dibe.

O planejamento da seguradora já inclui também as exigências da reforma tributária, que terá seu impacto pleno a partir de 2027, mas exigirá adaptações já a partir de 2026 — ano considerado de testes para a nova realidade fiscal. “É um desafio para todo o setor. A mudança exige reestruturação de sistemas, ajustes nas relações com fornecedores e parceiros de negócios. Estamos acompanhando de perto a regulamentação e aguardando as instruções da Receita Federal para garantir que todas as adequações ocorram com segurança e dentro dos prazos. A preparação para 2026 é estratégica para que estejamos prontos para a virada de chave em 2027”, afirmou o executivo.

DIEESE apresenta panorama das desigualdades no país: renda cresce, mas disparidades permanecem

O Observatório Brasileiro das Desigualdades lançou, no último dia 28 de agosto, na Câmara dos Deputados, em Brasília, o Relatório 2025, elaborado com apoio técnico do DIEESE. O estudo reúne 43 indicadores que permitem monitorar avanços e retrocessos nas áreas de educação, saúde, renda, segurança alimentar, segurança pública, meio ambiente, serviços básicos e representação política.

Segundo o Sumário Executivo, embora alguns indicadores tenham mostrado avanços, a desigualdade de renda continua predominante. Em 2024, o rendimento médio real de todas as fontes atingiu R\$ 3.066, com crescimento de 2,9% frente a 2023. O aumento, porém, foi maior entre os homens (3,1%) do que entre as mulheres (2,6%), mantendo a disparidade: elas recebem apenas 73% da renda masculina.

Entre os recortes por raça e gênero, as mulheres negras registraram o maior crescimento no rendimento (5,2%), mas ainda permanecem na base da pirâmide, com salário médio de R\$ 2.008 — apenas 43% do rendimento dos homens não negros, que alcançou R\$ 4.636.

A taxa de desocupação também caiu, passando de 7,8% em 2023 para 6,6% em 2024, com redução mais expressiva entre mulheres e pessoas negras. Apesar disso, o 1% mais rico segue concentrando renda: em 2024, esse grupo recebeu, em média, 30,5 vezes mais que os 50% mais pobres.

O relatório ainda aponta que o sistema tributário brasileiro agrava o problema: enquanto os 10% mais pobres destinam 26,4% de sua renda ao pagamento de impostos, os 10% mais ricos comprometem apenas 19,2%, revelando o caráter regressivo da carga tributária nacional.

Além da renda e do trabalho, o estudo destaca desigualdades persistentes em educação, saúde, segurança e meio ambiente, ressaltando a necessidade de políticas públicas robustas para enfrentar disparidades de gênero, raça e região

Confira o Relatório 2025 do Observatório Brasileiro das Desigualdade: <https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2025/relatorioDesigualdades.html>

A gravação da apresentação está disponível no [canal do DIEESE no YouTube](#).

Fonte: Dieese - 28/agosto/2025

Bancários do Bradesco e do Bradesco Financiamentos aprovam Supera e PRB

Com 94,44% dos votos válidos, os bancários do Bradesco e do Bradesco Financiamentos no chamado primeiro ciclo aprovaram Acordo Coletivo de Trabalho que versa sobre o Programa de Participação nos Resultados (PPR), chamado Supera, e o Programa de Resultado Bradesco (PRB), referentes ao exercício de 2025. A deliberação se deu por meio de assembleia virtual realizada nesta sexta-feira 29.

O objetivo dos programas é ampliar a participação nos resultados para todos os funcionários, sem as limitações do antigo Prêmio por Desempenho Extraordinário (PDE), que era exclusivo da área comercial.

O Supera está estruturado em três ciclos, sendo o primeiro englobando cerca de 48 mil funcionários, aproximadamente 65% do quadro do banco, que inclui as seguintes áreas

Rede de agências (Varejo, Prime e Empresas);

Bradesco Financiamentos (área comercial);

Segmento Principal (em expansão);

Bancários do Bradesco Expresso;

Assessores administrativos e comerciais das Gerências Regionais (exceto gerentes regionais).

Serão contemplados os funcionários que atingirem 95% dos objetivos estabelecidos, diferente do PDE, que premiava apenas resultados a partir de 101%.

PRB

Além disso, o programa inclui o Programa de Remuneração Bradesco (PRB), no valor mínimo de R\$ 1.000, destinado aos trabalhadores da força de vendas que não atingiram pelo menos 95% das metas, e aos trabalhadores que não são da força de venda, pago no início do ano subsequente.

O recebimento do valor está condicionado ao atingimento do ROAE de 15,5% em 2025 — indicador que mede a rentabilidade do banco com base no patrimônio líquido médio. Caso o ROAE atinja 17%, o valor do PRB será de R\$ 2.000, e se chegar a 18,5%, o pagamento será de R\$ 2.500.

O pagamento e a aferição da performance do Supera serão semestrais, ampliando as possibilidades de recebimento mesmo em caso de desempenho abaixo do esperado em determinados períodos. O início dos demais ciclos será comunicado posteriormente pelo banco.

Importante destacar que os valores do Supera e do PRB não são acumuláveis. Prevalecerá o valor maior dentre os dois programas. Também não serão descontados da Participação nos Lucros e Resultados (PLR) do Bradesco, calculada com base no lucro líquido do banco e em regras estabelecidas pela Convenção Coletiva de Trabalho (CCT).

“

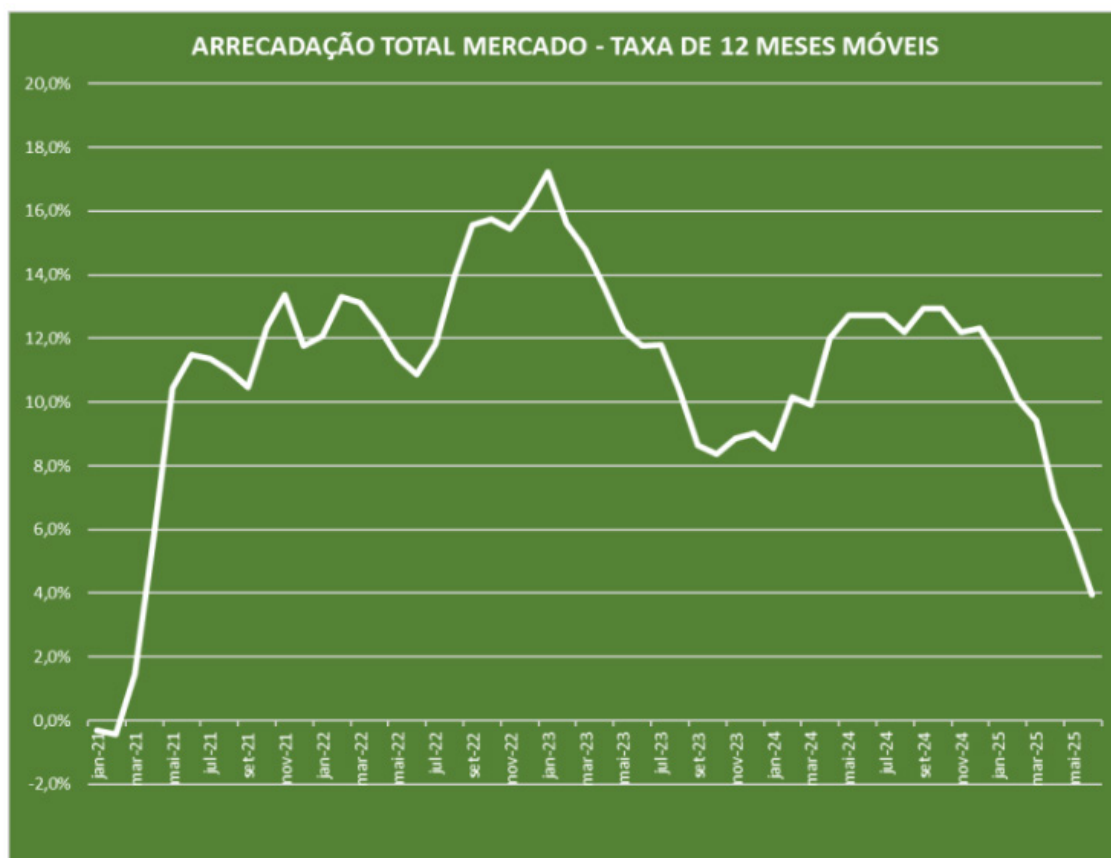
Fonte: Sindicato dos Bancários de São Paulo - 29/agosto/2025

Números até o mês de junho de 2025

No mês de JUNHO de 2025, que é coincidente com a publicação dos balanços semestrais, a arrecadação do mercado de seguros somou R\$ 30,2 bilhões, a menor dos últimos 12 meses. Essa queda deveu-se exclusivamente ao desempenho negativo do VGBL e do PGBL, na esteira das restrições de captação de recursos causadas pela sua recente majoração de tributação pelo Governo.

Consequentemente, a variação da arrecadação mensal global foi fortemente negativa, de -14,2%, após também negativos -0,5% em maio. Da mesma forma, o desempenho no mês foi novamente inferior ao mesmo mês do ano anterior, desta vez com expressivos -13,8%. No período semestral, em situação inédita, ocorreu decréscimo de -1,7% sobre o mesmo período de 2024. Apenas para comparação, em junho de 2024 a variação semestral havia sido da ordem de 16%.

O resultado dessa combinação de efeitos levou as receitas a uma expansão que mais uma vez situou-se em um dígito baixo (4,0%) no critério mais importante, que é o da medida de 12 meses móveis. Essa medida é apresentada no gráfico a seguir que registra as taxas desde janeiro de 2021. Ele mostra uma expressiva alavancagem setorial até janeiro de 2023, seguida de taxas positivas de dois dígitos, porém menores, até janeiro de 2024. A partir de então o segmento retoma ímpeto de crescimento até estabilizar em dois dígitos mais baixos da ordem de 12%. Já os quatro últimos períodos anualizados tiveram queda para um dígito de crescimento, cada vez menores. Em vista do Decreto do Executivo que fez incidir IOF de 5% sobre aportes do VGBL superiores a R\$ 50 mil, os cálculos de expansão setorial devem estar continuando a ser revistos para baixo.



Capital global de resseguro atinge recorde de US\$ 805 bilhões no primeiro semestre de 2025

O capital global da indústria de resseguros alcançou um novo recorde de US\$ 805 bilhões no fim de junho de 2025, crescimento de 4,8% em relação ao encerramento de 2024, de acordo com levantamento da corretora de resseguros Gallagher Re. O resultado reflete o avanço tanto do capital tradicional quanto do alternativo, embora o retorno sobre o patrimônio (ROE) de um grupo de 16 resseguradoras tenha recuado de 15,2% no primeiro semestre de 2024 para 12,6% no mesmo período deste ano. Ainda assim, o índice permanece em patamar considerado saudável.

O capital dedicado ao resseguro passou de US\$ 768 bilhões em dezembro de 2024 para o atual nível recorde, o maior desde o início da série histórica da Gallagher Re, em 2014. O capital tradicional atingiu US\$ 660 bilhões (alta de 5%), enquanto o alternativo chegou a US\$ 118 bilhões (crescimento de 4%).

As chamadas empresas do Índice Gallagher Re, que representam 82% do total do capital dedicado, responderam por boa parte da expansão. Os lucros retidos foram responsáveis por cerca de US\$ 15 bilhões, o equivalente a metade do crescimento no primeiro semestre. No segmento de capital alternativo não vida, a elevação para US\$ 118 bilhões foi impulsionada tanto por novos aportes líquidos quanto pelo bom desempenho dos instrumentos já existentes.

Perspectivas para o ano

Segundo a Gallagher Re, a expectativa é que a tendência de crescimento prossiga no segundo semestre. Considerando o cenário de rentabilidade e o retorno de capital, a projeção é de que o capital tradicional de resseguro avance cerca de 8% em 2025, o equivalente a mais de US\$ 57 bilhões. A maior parte desse reforço deve vir de lucros retidos, estimados em US\$ 40 bilhões.

Michael van Wegen, Head de Client & Market Insights International da corretora, afirmou: “Esperamos um ROE subjacente de 13% a 14% e um ROE reportado em torno de 17% a 18% para o ano, ambos significativamente acima do custo médio de capital do setor. Com a rentabilidade robusta, o capital tradicional deve crescer aproximadamente 8% em 2025.”

Apesar do recuo do ROE, os índices de sinistralidade combinada das resseguradoras permaneceram em níveis historicamente fortes: 87,5% no indicador subjacente e 94,7% no reportado. Desde 2014, apenas uma vez os resultados foram melhores.

As perdas por catástrofes naturais, puxadas pelos incêndios florestais de Los Angeles em janeiro, tiveram impacto de 9,6 pontos percentuais no índice combinado, acima do nível normalizado de 9%. Esse efeito, contudo, foi compensado por maiores ganhos de investimento (3,4 pontos percentuais) e liberações de reservas de anos anteriores (2 pontos percentuais).

Fonte: Sonho Seguro - 2/setembro/2025

LRS é um nicho de mercado promissor para Corretor de Seguros

Os Corretores de Seguros devem ficar atentos ao avanço, no mercado, da utilização das Letras de Risco de Seguro (LRS), apontadas por especialistas como ferramentas financeiras que estarão cada vez mais presentes no setor nos próximos anos. Isso porque a Resolução do 453/22 do CNSP – que dispõe sobre a emissão da LRS por meio de Sociedade Seguradora de Propósito Específico (SSPE) – permite que esse produto seja comercializado por Corretores.

Segundo essa norma, a transferência de riscos para a SSPE poderá ser feita por negociação direta com a contraparte ou através de empresas corretoras de seguros ou corretora de resseguros.

Vale lembrar ainda que, de acordo com a resolução, a SSPE é uma seguradora cuja finalidade exclusiva é realizar uma ou mais operações, independentes patrimonialmente, de transferência de riscos de seguros, previdência complementar, saúde suplementar, resseguro ou retrocessão de uma ou mais contrapartes e seu financiamento via emissão de LRS, instrumento de dívida vinculada a riscos de seguros e resseguros.

Será permitida a transferência de cada um dos riscos de seguros e resseguros da SSPE para outra com atividade similar, desde que a companhia que receba o risco transferido seja previamente autorizada pela Susep; se inclua ativos e passivos de cada uma das operações de securitização de forma individualizada; e o contrato de transferência inclua cláusula dispondo que serão preservados todos os direitos e obrigações oriundos do contrato original de aceitação de riscos de seguro e de resseguro celebrado entre a contraparte e a SSPE.

Além disso, os investidores titulares da LRS e a contraparte devem manifestar concordância com a transferência do risco de seguro ou de resseguro; e tenha sido observada a regulamentação específica da Susep.

Outro ponto importante é que a LRS poderá gerar valor de resgate inferior ao valor de sua emissão, em função de eventual ocorrência de eventos cobertos decorrentes de riscos de seguros e resseguros aceitos ou por seus critérios de remuneração.

Fonte: CQCS - 4/setembro/2025

Ritmo de concentração de renda aumenta

Em meio à ofensiva do governo para a aprovação da reforma do Imposto de Renda (IR) na Câmara dos Deputados, um grupo de economistas brasileiros e internacionais publicou o estudo “Retrato da Desigualdade e dos Tributos Pagos no Brasil”. A pesquisa aponta que o 1% mais rico da população concentra 27,4% de toda a renda do país.

A concentração torna-se ainda mais acentuada no topo da pirâmide: o 0,1% mais rico (cerca de 150 mil pessoas), com renda média anual de R\$ 4,6 milhões, detém 12,4% da renda total. No estrato seguinte, o 0,01% mais abastado (15 mil pessoas), com rendimento médio de R\$ 23 milhões por ano, concentra 6,1%.

O estudo é resultado de uma colaboração entre um consórcio internacional de economistas, coordenado pelo EU Tax Observatory, e a Receita Federal do Brasil (RFB).

“Este estudo representa uma grande contribuição para a análise da economia brasileira. Pela primeira vez, graças a dados administrativos integrados que conectam as empresas aos seus acionistas e sócios, podemos medir a desigualdade e a progressividade dos tributos de forma abrangente”, explicou Gabriel Zucman, diretor do EU Tax Observatory e um dos autores da pesquisa. “Os resultados mostram que a concentração de renda é significativamente maior do que se supunha, e as pessoas ultrarricas pagam relativamente poucos tributos em uma perspectiva internacional”, completou.

Impostos pouco progressivos

A pesquisa também destaca a necessidade de aumentar a progressividade na cobrança de impostos no país. Os dados revelam que os milionários em dólar no Brasil — aqueles com renda anual superior a R\$ 5,5 milhões — possuem uma alíquota efetiva de 20,6%, incluindo todos os tributos. Em contrapartida, a alíquota efetiva para o brasileiro médio é de 42,5%. A maioria dos grupos de renda paga uma alíquota efetiva média entre 45% e 50%, refletindo o alto peso dos tributos sobre o consumo.

A regressividade do sistema tributário brasileiro é explicada por vários fatores no estudo. Primeiramente, o sistema depende fortemente de tributos indiretos, que são regressivos e atingem de forma desproporcional as pessoas de menor renda. Outro fator é que o Imposto de Renda da Pessoa Física (IRPF) torna-se regressivo dentro do 1% mais rico, principalmente devido à isenção de lucros e dividendos.

Além disso, deduções e incentivos fiscais para empresas reduzem a carga efetiva do IRPJ e da CSLL para muito abaixo da alíquota nominal de 34%. Esses mecanismos se concentram no topo da distribuição de renda, com benefícios tributários que se acumulam principalmente no 0,001% mais rico.

Ritmo de concentração de renda aumenta

Em meio à ofensiva do governo para a aprovação da reforma do Imposto de Renda (IR) na Câmara dos Deputados, um grupo de economistas brasileiros e internacionais publicou o estudo “Retrato da Desigualdade e dos Tributos Pagos no Brasil”. A pesquisa aponta que o 1% mais rico da população concentra 27,4% de toda a renda do país.

A concentração torna-se ainda mais acentuada no topo da pirâmide: o 0,1% mais rico (cerca de 150 mil pessoas), com renda média anual de R\$ 4,6 milhões, detém 12,4% da renda total. No estrato seguinte, o 0,01% mais abastado (15 mil pessoas), com rendimento médio de R\$ 23 milhões por ano, concentra 6,1%.

O estudo é resultado de uma colaboração entre um consórcio internacional de economistas, coordenado pelo EU Tax Observatory, e a Receita Federal do Brasil (RFB).

“Este estudo representa uma grande contribuição para a análise da economia brasileira. Pela primeira vez, graças a dados administrativos integrados que conectam as empresas aos seus acionistas e sócios, podemos medir a desigualdade e a progressividade dos tributos de forma abrangente”, explicou Gabriel Zucman, diretor do EU Tax Observatory e um dos autores da pesquisa. “Os resultados mostram que a concentração de renda é significativamente maior do que se supunha, e as pessoas ultrarricas pagam relativamente poucos tributos em uma perspectiva internacional”, completou.

Impostos pouco progressivos

A pesquisa também destaca a necessidade de aumentar a progressividade na cobrança de impostos no país. Os dados revelam que os milionários em dólar no Brasil — aqueles com renda anual superior a R\$ 5,5 milhões — possuem uma alíquota efetiva de 20,6%, incluindo todos os tributos. Em contrapartida, a alíquota efetiva para o brasileiro médio é de 42,5%. A maioria dos grupos de renda paga uma alíquota efetiva média entre 45% e 50%, refletindo o alto peso dos tributos sobre o consumo.

A regressividade do sistema tributário brasileiro é explicada por vários fatores no estudo. Primeiramente, o sistema depende fortemente de tributos indiretos, que são regressivos e atingem de forma desproporcional as pessoas de menor renda. Outro fator é que o Imposto de Renda da Pessoa Física (IRPF) torna-se regressivo dentro do 1% mais rico, principalmente devido à isenção de lucros e dividendos.

Além disso, deduções e incentivos fiscais para empresas reduzem a carga efetiva do IRPJ e da CSLL para muito abaixo da alíquota nominal de 34%. Esses mecanismos se concentram no topo da distribuição de renda, com benefícios tributários que se acumulam principalmente no 0,001% mais rico.

Fonte: IstoÉ Dinheiro - 29/agosto/2025

Mulheres representam 35,4% do mercado de capitais, aponta pesquisa da Anbima

As mulheres correspondem a 35,4% da força de trabalho no mercado de capitais. As informações são da pesquisa “Diversidade e Inclusão no Mercado de Capitais”, feita pela Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima). Apesar do número demonstrar a desigualdade no setor, foi constatado que os cargos de gerência estão mais próximos do equilíbrio de gênero com 42,9% de mulheres e 55,5% de homens.

Segundo o superintendente de Sustentabilidade, Inovação e Educação da Anbima, Marcelo Billi, a transparência nos números é essencial para consolidar a agenda de diversidade. “São informações inéditas e necessárias para o avanço da agenda de diversidade e inclusão. Os dados são a base para construir iniciativas concretas”, afirma.

O levantamento ouviu 154 instituições associadas, reguladas pela autorregulação da Anbima ou integrantes da Rede Anbima de Diversidade e Inclusão. Além disso, o estudo mapeou o perfil de gênero, raça, deficiência, além de práticas de contratação e engajamento no setor.

Presença feminina nos segmentos

Entre os segmentos, as gestoras, também conhecidas como assets, concentram 31,9% de mulheres, enquanto bancos têm 43,4% e corretoras e distribuidoras, 40,9% de representação feminina. Já em “outros serviços financeiros”, as mulheres são maioria com 52,6%.

O estudo mostra ainda que 59% das instituições adotam contratações voltadas para grupos minorizados. As mulheres são o público mais priorizado (45%), seguidas por pessoas pretas (31%) e pessoas com deficiência (28%).

Raça e deficiência

No recorte racial, 80,9% do setor é formado por pessoas brancas, 15,5% por pretas e pardas, 3,5% por amarelas e 0,1% por indígenas. Entre gerentes, a proporção de pretos e pardos sobe para 23,5%.

Ações voltadas para diversidade

A pesquisa aponta maior envolvimento do setor com a pauta: 92% das instituições consideram que a agenda de diversidade evoluiu desde 2022, e nenhuma relatou retrocesso. Entre as participantes da Rede Anbima de Diversidade e Inclusão, 93% afirmam perceber avanços.

Apesar disso, o principal desafio identificado é ampliar o engajamento das lideranças, apontado por 42%.

Fonte: Diário do Comércio - 3/setembro/2025